OLIVEIRA MAGNO

A UMBANDA
ESOTÉRICA E INICIÁTICA

3.ª EDIÇÃO

COLEÇÃO ESPIRITUALISTA — N.º 15

Colegio Pena Branca
Alexandre Cumino

A UMBANDA
ESOTÉRICA E INICIÁTICA

OLIVEIRA MAGNO

A UMBANDA

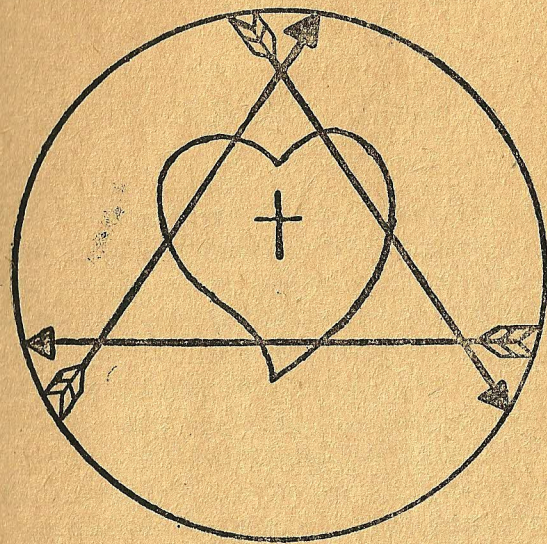
ESOTÉRICA E INICIÁTICA

A afinidade entre a Umbanda e as antigas doutrinas ocultistas. Cultos umbandistas. Os orixás na mitologia nagô. Exu, o grande agente mágico universal. O Setenário nagô. Trabalhos mágicos. Tratamentos espirituais, mentais ou psíquicos. Iniciação: "dar comida à cabeça", fazer "cavalo de santo" e fazer "ogãs". O culto nagô em Cuba. O culto vodu no Haiti. O culto Kromanti Fanti-Ashanti. A influência dos astros e as fôrças da Natureza. O fluxo mensal renovador.

3.ª EDIÇÃO

1956

GRAFICA EDITORA AURORA, LTDA.
Rua Vinte de Abril, 16 - Caixa Postal 140 - Lapa - Rio

SÍMBOLO ESOTÉRICO-UMBANDISTA

Êste símbolo significa:

As três setas — os três mundos: o físico, o intermediário, o espiritual.
O Coração — o amor Universal.
A cruz — o Cristo, o Orixá.
O círculo — o Universo.

Isto quer dizer: E' na prática do amor Universal, que é a verdadeira caridade, que o homem cria o Cristo em si, e se eleva nos três mundos, reintegrando-se em Deus e tornando-se Universal.

INTRODUÇÃO

É nosso desejo, ao escrever estas linhas, fazer obra ao alcance de tôdas as inteligências.

Não é nosso desejo mostrar sabedoria ou fazer literatura, mas sim, tentar mostrar o que a Umbanda tem de grande, sublime, religioso e científico; e também ser útil aos estudiosos.

Sabemos que as principais religiões têm por base: Fazer o aperfeiçoamento do homem.

Reconhecemos o valor da tradição; mas também reconhecemos a grande lei da evolução e que temos de acompanhar o progresso, pois os antigos tinham o carro de bois e nós atualmente temos que nos adaptar ao avião.

Assim, também, tôdas as religiões estão sujeitas à lei da evolução, pelo menos em parte, isto é, métodos, sistemas, rituais, etc.; pois assim como a antiga religião judaica foi reformada e aperfeiçoada por Jesus, em nova religião, assim, também, a antiga Umbanda tem sido aperfeiçoada e sublimada nos últimos 30 anos, principalmente desde o dia em que se manifestou o sublime espírito — Caboclo das sete encruzilhadas.

A Umbanda, assim como tôdas as antigas ordens e escolas ocultistas, a sua doutrina, ciência e

filosofia, é constituída em duas partes: uma esotérica e outra exotérica; isto é: uma parte oculta destinada e reservada para os homens que estão preparados e em condições de receberem a luz da iniciação; e a outra parte, a exotérica, esta revelada como religião, segundo o aperfeiçoamento, mentalidade e cultura do povo.

Neste modesto trabalho que apresentamos, tentamos abordar e fazer resumidamente uma comparação e análise do ocultismo oriental com o ocidental; como também, da antiga iniciação Nagô, com as antigas iniciações Egípcia, Grega, Cristã.

Reconhecemos que o assunto é muito complexo, pois tentamos penetrar no ilimitado, sendo a nossa mente humana e relativa. Mas como o nosso desejo é "Fiat Lux", resolvemos com êste modesto trabalho contribuir para a grandeza da Umbanda.

Êste trabalho que apresentamos tem por fim: apelar para os estudiosos, dando uma idéia, uma sugestão, para que escrevam uma obra religiosa-científica sôbre a Umbanda, mostrando o que ela tem de sabedoria, ciência, elevação e grandeza; mostrando que a Umbanda é uma verdadeira fraternidade de grande elevação espiritual, e não o que os materialistas, e certos espiritualistas, e alguns espíritas, julgam.

É o nosso desejo, que a Umbanda tenha no nosso Plano físico, a mesma grandeza que ela tem nos Planos astral, mental e espiritual.

Abordemos agora superficialmente, isto é, de leve e ligeiramente, o ocultismo oriental e o ocidental:

O ocultismo oriental tem como berço a milenar Índia, expandindo-se pela Ásia, como seja Indostão, China, Japão, atingindo algumas ilhas da Oceânia.

O ocultismo ocidental tem como berço os "grandes mistérios" do antigo Egito, expandindo-se por tôda a África e tôda a Europa.

Pelo que acima foi exposto, podemos concluir que a Umbanda faz parte da corrente ou grupo do ocultismo ocidental, assim como o Judaísmo, o Islamismo, o Cristianismo, o Paganismo Greco-Romano, etc.

Como citamos o paganismo greco-romano, chamamos a atenção da semelhança que há dos deuses greco-romanos com os ôrixás nagôs.

Segundo a História, Pitágoras e outros gregos receberam a iniciação e adquiriram os seus conhecimentos religiosos, filosóficos e científicos, nos templos do antigo Egito; e,regressando ao seu país, fundaram na Grécia os mistérios iniciáticos, como seja, o templo de Delfos, etc., para os que estivessem preparados e em condições de receber a Luz; mas, o povo em geral, segundo a sua cultura, mentalidade e evolução, que ainda não está preparado e em condições de penetrar no reino do Céu, como disse Jesus, os antigos iniciados e mestres gregos, baseados em princípios filosóficos e científicos, fizeram uma adaptação dos ditos princípios como religião para o povo; e assim nasceu o paganismo grego.

O que se deu com os iniciados e mestres gregos, também se deu com os iniciados e mestres africanos, pois tiveram que adaptar uma parte dos seus

conhecimentos filosóficos e científicos como religião para o povo, "segundo a sua cultura, mentalidade e evolução"; e assim, nasceu o paganismo africano.

Chamamos a atenção que tôdas as religiões ocidentais, inclusive o próprio Cristianismo, são adaptações de princípios filosóficos, científicos e doutrinários do antigo Egito — segundo a cultura, mentalidade e evolução de cada raça, povo e país.

Voltemos agora a falar do ocultismo oriental, pois embora as doutrinas das escolas orientais e ocidentais sejam pràticamente idênticas, seus métodos, sistemas e filosofias são diferentes; basta dizer que, para o oriental, a mulher é inferior e menos desenvolvida, sob todos os pontos de vista, que o homem. Pelo contrário, muitos dos ocultistas ocidentais a consideram superior ao homem, "a inspiradora, a metade sublime, a guardiã do ideal". E estas atitudes diferentes se acham refletidas nos métodos e sistemas de cada tradição.

Poderíamos dizer muito mais, mas o que já foi dito é o suficiente para podermos concluir que existe uma grande diferença do ocultismo oriental para o ocidental. E, à vista disto, também podemos concluir que, para nós os ocidentais, o método, o sistema, a iniciação mais apropriada é a ocidental e não a oriental. Pois a nossa mentalidade, o nosso caráter, o nosso protótipo, que está formado em nós, é o "Ocidental"; portanto, é a Alma "Ocidental" que nos rege e é a ela que devemos seguir.

Note-se que há alguns orientais que trabalham pelo método e sistema ocidentais; como também, há ocidentais que adotaram o método e sistema orientais; e neste caso, podem considerar-se filhos adotivos.

Também há alguns, principalmente dos modernos ocultistas, que fizeram uma mistura de orientalismo com ocidentalismo e, neste caso, temos mistura e choque de fôrças.

Fazemos ciente que os verdadeiros iniciados são contrários a isso; e mesmo muitos chefes de terreiro sabem bem que não se deve fazer mistura de fôrças.

Aqui terminamos esta ligeira comparação e análise dos dois ocultismos; passemos agora a comparar, também ligeiramente, a Unidade e o Ternário, das outras seitas ou religiões, com o de alguns dos cultos da Umbanda.

Assim como no antigo ocultismo, também no antigo culto Nagô a Unidade Criadora, cultuada com o nome de Obatalá, é bissexual, ou seja, Deus Pai-Mãe; portanto, a concepção que faziam os antigos iniciados de Deus Criador é a mesma que faziam os antigos nagôs.

Com isto podemos concluir que o antigo culto nagô em princípio e concepção religiosa está em perfeita afinidade e semelhança com o antigo ocultismo.

Agora vamos fazer uma comparação do Ternário, ou seja, das Trindades Cristã e Indu, com a Trindade Africana:

Na Trindade Cristã temos: Pai, Filho, Espírito Santo. O Pai Cria, o Filho aperfeiçoa a obra criada, e o Espírito Santo a diviniza e santifica. O Pai faz homens, o Filho faz cristãos, e o Espírito Santo

faz santos. O Pai cria a alma humana e animal; o Filho aperfeiçoa a alma animal espiritualizando-a, o Espírito Santo transmuta a alma animal em espiritual, ou, como diz São Paulo na sua Epístola aos Coríntios, transmuta o homem animal, filho da Terra, em espiritual, filho de Deus.

Na Trindade Indu temos: Brahma, Vischnu, Sihva, ou seja, Deus Criador, Conservador, Destruidor ou transformador isto é, a parte Divina criadora, cria; a parte conservadora, conserva por certo tempo determinado, aperfeiçoando, a obra criada; e, completado o tempo de existência, a parte destruidora destrói a matéria grosseira que volta ao estado primitivo para formar novos corpos; porém, uma parte da matéria, que foi pela parte "conservadora" purificada e sublimada, esta é transmutada em sutil e espiritual; esta, a parte destruidora, a transforma em corpo espiritual do ser, ou seja, como se diz no Cristianismo, em corpo do Cristo.

Na Trindade Nagô: Obatalá corresponde ao Pai, Oxalá ao Filho, Ifá ao Espírito Santo. Nas páginas mais adiante falaremos sôbre Unidade, Ternário e Setenário nagôs, e também sôbre a iniciação. E desde já fazemos ciente aos candidatos a iniciação: A chave mestra que abre as portas da iniciação nos mundos superiores é a seguinte: Todo o conhecimento procurado com o único fito de aumentar e enriquecer o tesouro dos teus conhecimentos pessoais, desviar-te-á da tua rota, mas todo o conhecimento procurado para te aperfeiçoares no sentido de servir à humanidade e à evolução universal, te fará avançar um passo. A verdade

dêste ensinamento está encerrada nesta breve sentença: Tôda a idéia que não se tornar um ideal, mata em tua alma uma fôrça; mas tôda a idéia que se tornar um ideal, faz surgir fôrças vitais no teu ser.

Como vemos, a iniciação é contrária ao egoísmo pessoal; portanto, beneficia os outros para que possas progredir e ser beneficiado.

Quanto à origem do têrmo "Umbanda", Arthur Ramos na sua obra "As Culturas Negras no Novo Mundo", falando sôbre o culto bantu, diz o seguinte: "O Grão sacerdote dos angola-congüenses, o Quimbanda (Ki-mbanda) passou ao Brasil com os nomes de Quimbanda e seus derivados umbanda, embanda e banda (do mesmo radical mbanda), significando ora feiticeiro, ora sacerdote, ora lugar da macumba ou processo ritual.

"Em Angola, o Quimbanda preside a tôdas as cerimônias do culto, e desempenha ainda funções sacerdotais. Dita preceitos que são observados como verdadeiros tabus. É a quigila, preceito proibitório de atos ou alimentos. Sobreviveu no Brasil, com a significação de repugnância, horror, desconfiança, etc., e daí as expressões: quigila, quizila, inquizilar...

"No Brasil, o Embanda perdeu muito do seu prestígio e não conseguiu se impor como o Babalaô yoruba. Tem apenas a função de chefe de terreiro, secundado por um auxiliar ou acólito, o cambone ou cambondo. Por influência dos cultos gêge-nagôs, o Embanda é também chamado pai de ter-

reiro, ou de santo, e os iniciados, filhos e filhas de santo."

Pelo o que acima diz Arthur Ramos, pode-se concluir que o têrmo "Umbanda" é de origem bantu.

Enfim, a Umbanda é uma "Lei", que engloba todos os cultos de origem africana e, atualmente, também os de origem ameríndia.

E terminamos estas linhas com o tradicional: saravá Umbanda...

OLIVEIRA MAGNO.

CAPÍTULO I

CULTOS UMBANDISTAS

Não é o Brasil o único país da América em que se pratica a Umbanda. A Umbanda se pratica em diversos país do sul e norte da América que receberam negros africanos, apenas com diferença de nome; isto é, o que nós no Brasil conhecemos como lei ou religião de Umbanda, na América do Norte é conhecida como lei ou culto de Vodu, nome êsse derivado dos deuses ou voduns gêges, pois a maioria dos negros Africanos que foram para a América do Norte, assim como para as Antilhas, eram todos adeptos do culto Gêge. Assim como a maioria dos Africanos que vieram para os estados do Sul do Brasil eram adeptos do culto Bantu e no culto todo o chefe de terreiro tinha o nome de embanda ou umbanda, eis a causa porque todos os cultos de origem Africana são conhecidos nos Estados do sul do Brasil como cultos da Umbanda.

Com a vinda dos negros Africanos para o Brasil, êles trouxeram consigo da África os quatro grandes e seguintes cultos: Nagô, Gêge, Bantu, Malê, fora outros pequenos cultos que se desintegraram.

Portanto, temos: Cultos Umbandistas, isto é, de origem africana: Nagô, Gêge, Bantu; fazemos

ciente que o culto Malê, também chamado linha de Mussurumi não é culto de origem africana, mas sim, de origem maometana, portanto não é culto Africano (ou Umbandista), mas sim, Islâmico.

Como acima foi dito, os cultos que atualmente existem no Brasil e que são verdadeiramente Umbandistas são sòmente as três seguintes: Nagô, Gêge, Bantu; e também podemos incluir na atual sim, de origem maometana, portanto não é culto Bantu-Ameríndio.
bandistas são sòmente os três seguintes: Nagô, é o mais elevado, tradicional e conservador e o que mais está em afinidade e semelhança com o antigo Ocultismo e com o Cristianismo primitivo; em segundo o Gêge, pois existe muita semelhança dêste culto com o Nagô; e em terceiro o Bantu, que de todos é o mais liberal, porém o menos tradicional, o mais desorganizado, o mais pobre em mitologia e em conhecimentos espirituais.

Basta dizer que na África o culto Bantu não tem deuses nacionais como os tem o Nagô e o Gêge; mas sim, deuses particulares, isto é, conforme a crença e a vontade de cada chefe de terreiro.

Os cultos Nagô e Gêge têm sacedócio organizado; o culto Bantu não tem organização sacerdotal.

O ritual nos cultos Nagô e Gêge é o mesmo em todos os terreiros; no Bantu difere de terreiro para terreiro, isto é, ao bel-prazer de cada chefe.

Os rituais nos cultos Nagô e Gêge são tradicionais; o ritual Bantu é uma mistura de diversos rituais.

A iniciação nos cultos Nagô e Gêge tem o fim principal de fazer o Santo (o Cristo no homem), isto é, fazer templos para espíritos superiores; no culto Bantu é ùnicamente para fazer simples médiuns.

Na Bahia, de todos os Estados do Brasil onde melhor se conserva a tradição, assim mesmo, já bastante deturpada, a iniciação para se fazer um médium nos terreiros Nagôs ou Gêges, são 6 meses a um ano na camarinha; nos terreiros Bantus são apenas 17 dias, ou mesmo nenhum em muitos terreiros.

Pelo que foi dito, podemos concluir que o culto Bantu é o que está mais em afinidade com o moderno espiritualismo que atualmente se pratica no Rio de Janeiro e em diversos Estados do Brasil.

Tratemos agora dos respectivos nomes que têm os deuses nestes três cultos Africanos:

No Nagô chamam-se Orixás; no Gêge Voduns; no Bantu, Inkices ou zambis.

Como já dissemos, o culto Bantu, sendo pobre em mitologia e em conhecimentos espirituais, os negros bantus que vieram para o Brasil introduziram no dito culto os Orixás nagôs e os santos católicos.

Damos a seguir, os nomes dos Orixás nagôs; dos Voduns gêges e a sua correspondência:

Olarun: o Uno, o Supremo, o Incriado, o Espírito, o Absoluto, o Imanifesto.

Obatalá: o Princípio Divino masculino, o Manifesto, o Deus Criador, o Deus Pai-Mãe, o Bisexual, o Espírito Criador, o Céu.

Odudua ou Odun: o Princípio Divino feminino, a Substância, a Natureza, a Terra.

Oxalá: o Filho, o Cristo, a Criação.

Eis aqui a Unidade e a Trindade Nagô: Olarun: — a Unidade. Obatalá, Oxalá, Ifá: — a Trindade.

Como vemos o culto nagô tem fundamento. Basta dizer que o culto nagô tem por base fazer o Santo (o Cristo); portanto, a mesma base que têm tôdas as principais religiões, isto é, fazer o aperfeiçoamento do homem.

Também no verdadeiro médium nagô o único espírito que se incorpora é sòmente o seu Orixá.

Damos no capítulo seguinte os principais Orixás nagôs com os seus respectivos nomes; porém, fazemos ciente que há dois conceitos ou concepções sôbre os Orixás nagôs, isto é, o Mítico e o Místico. Mitològicamente, os Orixás nagôs representam fôrças da Natureza ou deuses. Mìsticamente, os Orixás representam legiões de espíritos sob a regência ou comando de um espírito chefe.

Nos capítulos seguintes damos:

Primeiro: — Os Orixás nagôs mitològicamente.

Segundo: — Os Orixás nagôs mìsticamente, ou seja, as sete linhas, ou melhor, o Setenário nagô com a sua correspondência.

Capítulo II

OS ORIXÁS NAGÔS MITOLÒGICAMENTE

Obatalá: — É de caráter bi-sexual e simboliza as Energias Criadoras da Natureza. Representa a Dualidade das Leis da Magia: O polo positivo-masculino e o polo negativo-feminino. É também a Ação e a Inação. O Ativo e o Passivo.

Obatalá, é o Deus Criador; e não tem representação material ou imagem; apenas é invocado. Como princípio masculino nos "pontos cantados": Obatalá-rei babá (pai) Orixalá. Como princípio feminino é assim invocado: Orixalá-rei ô Mãe de Deus. Simboliza a riqueza e a fecundidade. Preside ao desenvolvimento da criança no útero materno.

Ifá: — Também não tem representação ou imagem material. Corresponde no Cristianismo ao Divino Espírito Santo. Preside a adivinhação, o futuro, a Vida, e o ato fecundador. Assim como a Exu pertence mais particularmente os prazeres sensuais, a luxúria, etc.

Oxalá: — Simboliza o Filho de Deus. A Criação. Corresponde no Cristianismo a Jesus; e na mitologia grega a Apolo. Preside à regeneração; à transformação e à transmutação; à elevação; ao sacrifício; aos atos e às obras de amor, de luz, nobres,

humanitárias e caridosas. Quando um dos espíritos pertencentes às falanges de Oxalá se incorpora no médium dá sempre a seguinte senha ou grito: Gemido trêmulo.

Abaixo dêstes deuses, encontram-se "espíritos ancestrais" chamados orixás (nagô), voduns (gêge), inkices ou zambis (bantu).

Os principais ôrixás nagôs são:

Xangô: — Simboliza o fogo Celeste. Rege os raios, coriscos, relâmpagos, trovões, tempestades, pedras, penêdos, pedreiras, etc. Preside às obras e atos de justiça, sabedoria, dignidade, paz, ambição, prosperidade, êxito, nobreza, grandeza, filantropia e religiosos.

Xangô é o ôrixá dos reis, dos nobres, dos grandes, dos justos, dos leais e dos bons. Protege tôda a pessoa de vida limpa, justa, leal, séria, caridosa e humanitária.

É cultuado nas quartas-feiras e os animais que lhe são sacrificados são o carneiro, galo, cágado, etc. Seus emblemas são as pedras de tamanhos diferentes e enfeite de contas brancas e pardas. Sua insígnia é um machado com asas.

Na mitologia grega corresponde a Júpiter; e no catolicismo a S. Jerônimo. Quando um dos espíritos pertencente às falanges de Xangô se incorpora no médium, dá sempre a seguinte senha ou grito: Eî-î-î.

Omolu: — Deus da varíola, da peste, da epidemia e, por extensão, de tôdas as moléstias. É tido como companheiro inseparável do "Homem das Encruzilhadas", Exu.

Êle não é cultuado, nem festejado juntamente com os outros ôrixás, dentro do terreiro, mas possui um "pegi" (altar), à parte, ou fora do terreiro. Sua presença é tida como certa em todos os lugares anti-higiênicos, ruas, encruzilhadas, cemitérios, etc. Omolu preside à morte, aos cemitérios, às epidemias, à destruição, às minas, à agricultura, às coisas ocultas, aos mistérios, à maldição, à magia negra, etc.

Suas côres são vermelho e preto. Sua comida é bode, galo, porco, pipocas, milho com azeite de dendê. Seu dia, segunda-feira. Quando se incorpora um dos seus espíritos no médium a sua senha ou grito é: hã.

Corresponde na mitologia grega a Saturno, e no catolicismo a S. Lázaro. (O dia de Saturno é o sábado).

Ogun: — É o ôrixá das lutas, das guerras e das "demandas", motivo pelo qual é representado como um guerreiro armado e todo vestido de vermelho, que é a côr da guerra.

Como o Exu, Ogun é também ornamentado de ferro; por isso às vêzes também é denominado Exu Ogun.

Segundo a opinião de um velho babalaô africano, o "pegi" ou oratório de Ogun deve ser fora da habitação ou terreiro, como os de Omolu, baseando-se no seguinte:

Exu, o mal, o pecado; Ogun, a guerra, as lutas e vias de fato; Omolu, a peste, a varíola, etc.; de modo que todos três se reúnem nas encruzilhadas das ruas, estradas ou caminhos, de onde se espalham, dispersam ou irradiam em todos os sentidos.

Ogun, preside à guerra, às lutas, às demandas, às conquistas e vitórias; defende e favorece o domínio sôbre os inimigos. Seu dia é terça-feira; sua côr é o vermelho; sua comida é bode, galo, cabeça de boi, etc. A senha ou grito de incorporação de um Ogun é: guara-mim-fô.

Corresponde na mitologia grega a Marte; e no catolicismo, na Bahia a Santo Antônio, nos Estados do Sul do Brasil a S. Jorge.

Oxósse: — Corresponde catòlicamente na Bahia a S. Jorge; nos Estados do sul do Brasil a São Sebastião. Preside à caça, e a tudo o que se relaciona com as matas e florestas. Seu dia é quinta-feira; sua côr é o verde; sua comida é: carneiro, veado, galo, milho, mel. Os espíritos das suas falanges quando se incorporam dão a seguinte senha ou grito: ou-ou-ou, latido rouco como de um cachorro.

Oxun-marê: — O arco-íris; catòlicamente está identificado como S. Bartolomeu; na mitologia grega corresponde a Mercúrio. Criado de Xangô, tem por trabalho o carregar água da terra para o céu, e também o de correio e mensageiro entre os filhos da terra com os filhos do céu.

Oxun-marê, é um orixá bi-sexual; em certas ocasiões se manifesta masculino, e em outras feminino, isto é, conforme o ambiente, a crença e concepção que dêle se fizer.

Irôko ou Lôco: — Simboliza o deus das árvores. Tem como símbolo a gameleira branca, que é considerada como morada de um deus. Corresponde na mitologia grega ao deus das florestas, e no catolicismo está identificado como S. Francisco de

Assis. Sua senha ou grito de manifestação é: assobio baixo.

Olokun: — Deus do mar: o culto dêste orixá está esquecido tanto na Bahia como nos Estados do Sul, pois apenas é lembrado muito poucas vêzes em alguns terreiros. Se alguma das suas entidades se incorpora, "aliás muito raramente", a sua senha ou grito é v-ú-ú-ú-ú-ú... Corresponde na mitologia grega a Neptuno.

Ibêje ou Ibeji: — Orixás Gêmeos; são espíritos de crianças, ôrixás meninos; coletivamente chamados "êrês" ou os meninos. Culto muito espalhado na Bahia e mesmo aqui no Rio. Catòlicamente corresponde a Cosme e Damião; e na mitologia grega a Castor e Pollux.

ORIXÁS FEMININOS

Nanan ou Anamburucu: — É a mais velha das Mães d'Água; mãe de todos os ôrixás. Representa a mulher velha, a vovó. Identifica-se catòlicamente como Sta. Ana.

Iêmanjá: — Simboliza o próprio mar divinizado ou Mãe d'Água. Iêmanjá caracteriza a divindade feminina do mar. Corresponde a mulher mãe, casada e virtuosa. Catòlicamente está identificada com a Senhora da Conceição; e corresponde na mitologia grega a Diana.

Oxun: — É a deusa dos lagos, rios, fontes e regatos; é a ninfa da água doce. Corresponde a moça jovem e também a menina. É a deusa do

amor, da união e casamento, dos prazeres. Catòlicamente está identificada com Sta. Catarina; na mitologia grega corresponde a Vênus.

Iansã: — A mulher de Xangô, para quem teria vencido uma guerra; simboliza a mulher livre, sensualista, independente e senhora de si mesmo. É a protetora de tôdas as mulheres livres e independentes. É muito popular entre as mulheres na Bahia, devido ao seu gênio irrequieto, altivo e empreendedor. Como Xangô, controla as tempestades e ventanias. Catòlicamente está identificada com Sta. Bárbara; na mitologia grega corresponde a Juno.

Obá: — A guerreira. Não tem uma das orelhas. Está identificada com Joana d'Arc; na mitologia grega corresponde a Minerva. Obá é tida como amante de Xangô, e foi por ter paixão pelo dito ôrixá a causa dela perder a orelha esquerda.

Ossãe: — A dona das fôlhas; a Jurema; a Rainha ou Fada das florestas; a Oxosse-fêmea; a Amiga da Folhagem. É a incarnação do mato. Seu culto é às terças-feiras; suas côres são: o rosa e o verde.

Quanto à senha ou grito que dão os espíritos pertencentes às falanges dos orixás femininos quando se incorporam nos médiuns, é a seguinte:

Nanan ou Anamburucu: — bu-bu-bu-bu-bu.

Iêmanjá: — hin-hi-yemin.

Iansã: — êi-i-hi "mais suave" do que o de Xangô.

Oxun: — hmm-hmm.

Pelo que acima foi dito e segundo a opinião do

velho babalaô, os ôrixás femininos correspondem ao seguinte:

Anamburucu: — A mulher velha: a vovó.

Iêmanjá: — A mulher casada; a espôsa; a mãe; a virtuosa.

Oxum: — A moça; a jovem; e também a menina.

Iansã: — A mulher livre; altiva, sensualista e irrequieta.

Obá: — A mulher amante; dedicada; amorosa; apaixonada.

Acabamos de expor mitològicamente e resumidamente os principais ôrixás nagôs mais conhecidos no Brasil. No capítulo seguinte falaremos sôbre o Exu (nagô) e da serpente Dã (gêge).

Nota: — Os dias da semana, as côres, as comidas e bebidas consagradas aos diversos orixás, não obedecem a uma regra geral, pois, por terem perdido a tradição e o conhecimento, os cultos de origem africana que atualmente existem no Brasil, o fazem a seu modo.

Capítulo III

O EXU

Não podemos deixar de fazer uma referência ao grande agente mágico que no culto nagô tem o nome de Exu.

O Exu é a energia ou fôrça primitiva; é a substância prima; é o subconsciente de Deus; é o grande fluido ou energia que tudo abrange e envolve.

Um escritor de nomeada, a respeito do grande agente mágico e dos ensinos da Magia antiga e moderna, diz:

Que existe um "meio cósmico" supersensível e real, que interpenetra e sustenta o mundo tangível e aparente, influindo sôbre êle, e que é dependente das classificações, tanto da filosofia como da física. Êste "meio cósmico" ou "luz astral" é o primo coirmão do éter intangível dos físicos. A ciência moderna admite a existência de um meio correspondente ao "meio cósmico" ou à "luz astral" dos ocultistas; e na concepção do Éter Universal, afirma a existência de uma substância imaterial, imponderável, semelhante à que foi admitida pelos antigos filósofos. A ciência moderna diz que êste Éter Universal penetra todo o espaço e é o "estado final de tudo o que é material", sendo a matéria consi-

derada um produto derivado dêle, que está destinado a voltar para êle em seu devido tempo.

O Éter não tem estado, é uma entidade sem propriedades ou, mais exatamente, não é entidade alguma, mas apenas uma infinita possibilidade.

Eliphas Levi em uma das suas obras diz: "Falamos de uma substância espalhada no infinito. A substância una que é céu e terra, isto é, conforme seus graus de polarização, sutil ou fixo.

Esta substância é o que Hermes Trimegisto chama o grande Telesma. Quando produz o esplendor, é denominada Luz.

É esta substância que Deus criou antes de tôdas as coisas, quando disse: Faça-se a Luz.

Ela é ao mesmo tempo substância e movimento.

É um fluido e uma vibração perpétua.

A fôrça que a põe em movimento e lhe é inerente chama-se magnetismo.

No infinito, esta substância única é o éter ou a luz etérica.

Nos astros que ela imanta, se torna Luz astral.

Nos entes organizados, Luz ou fluido magnético.

No homem, ela forma o corpo astral ou mediador plástico.

A vontade dos entes inteligentes age diretamente sôbre esta Luz e, por seu meio, sôbre tôda a natureza submissa às modificações da inteligência.

Esta Luz é o espelho comum de todos os pensamentos e de tôdas as formas; ela guarda as imagens de tudo o que existiu, os reflexos dos mundos

passados e, por analogia, os esboços dos mundos futuros. E' o instrumento da taumaturgia e da adivinhação.

Uma só fonte, uma só raíz de Luz jorra e se espalha em três ramos de esplendor. Um sôpro circula ao redor da terra e vivifica, sob inúmeras formas, tôdas as partes da substância animada.

Edison Carneiro na sua importante obra "Candomblés da Bahia", sôbre o grande agente mágico diz o seguinte:

"Exu (ou Elêgbará) tem sido largamente mal interpretado.

"Tendo como reino tôdas as encruzilhadas, todos os lugares esconsos e perigosos dêste mundo, não foi difícil encontrar-lhe um símile no diabo cristão. O assento de Exu, que é uma casinhola de pedra e cal, de portinhola fechada a cadeado, e a sua representação mais comum, em que está sempre armado com as suas sete espadas, que correspondem aos sete caminhos (e às sete linhas) dos seus imensos domínios, eram outros tantos motivos a apoiar o símile. O fato de lhe ser dedicada a segunda-feira e os momentos iniciais de qualquer festa, para que não perturbe a marcha das cerimônias, e, mais do que isso, a invocação dos feiticeiros a Exu, sempre que desejam fazer mais uma das suas vítimas, tudo isto concorreu para lhe dar o caráter de ôrixá malfazejo, contrário ao homem, representante das fôrças ocultas do Mal.

"Ora, Exu não é um ôrixá — é um criado dos ôrixás e um intermediário entre os homens e os ôrixás. Se desejamos alguma coisa de Xangô, por

exemplo, devemos despachar Exu, para que, com a sua influência, a consiga mais fàcilmente para nós. Não importa a qualidade do favor — Exu fará o que lhe pedirmos, contanto que lhe demos as coisas de que gosta, azeite de dendê, bode, água ou cachaça, fumo, etc. Se o esquecemos, não só não obteremos o favor, como também Exu desencadeará contra nós tôdas as fôrças do Mal que, como intermediário, detém nas suas mãos. Eis porque os primeiros momentos da festa lhe são dedicados: os negros conquistam, assim, de antemão, os favores que, durante a cerimônia, esperam receber dos ôrixás. Eis porque o primeiro dia da semana lhe é dedicado: os dias subseqüentes correrão felizes suavemente, sem perturbações nem intranqüilidades.

"Quando os negros dizem despachar Exu, empregam êsse verbo no sentido de enviar, mandar. Exu é como o embaixador dos mortais. Tem por objetivo realizar os desejos dos homens — sejam bons ou maus — e cumpre a sua missão com uma precisão matemática, com uma eficácia e uma pontualidade jamais desmentidas. O despacho de Exu é uma garantia prévia de que o favor a pedir será certamente obtido.

"Assim como pode interceder junto aos ôrixás para o mal, também pode fazê-lo para o bem. Depende daquele que pede a sua intercessão. Daí a existência do compadre, um Exu familiar a todos os candomblés, que por vêzes mora dentro da casa, como o *genius loci*, o cão de guarda fiel e vigilante. O próprio título de compadre implica numa familiaridade que se não compreenderia, se porventura

Exu representasse as fôrças contrárias ao homem, o espírito do Mal. No Engenho Velho, por exemplo, além do assento de Exu, nas vizinhanças do candomblé, — de pedra e cal, a porta fechada a cadeado — como nos demais, há no recinto do barracão, a morada do compadre, feita de tela, com armação de madeira, diante da qual se curvam, reverentemente, mas sem nenhum temor, as filhas da casa e os assistentes das festas. O compadre do candomblé da Idalice também merece a solicitude de tôda gente.

"É exatamente por causa dessa sua qualidade de criado dos ôrixás e de intermediário entre os homens e os ôrixás que o candomblé começa por festejá-lo. Tôda festa começa com o despacho do Exu (padê). A tradição africana manda que as cerimônias se iniciem com a matança de certos animais, como o cão (hoje raro), o galo, o bode, no peji do candomblé, caindo o sangue dos animais sacrificados sôbre Exu; mas, atualmente, já se vai descurando êsse cerimonial tradicional e os candomblés realizam apenas a segunda parte do despacho de Exu, no barracão. Duas filhas, especialmente destacadas para essa função, Dagã e Sidagã, depositam no centro do barracão um copo com água e a comida de Exu. Depois, dançando em volta da comida, ante as filhas formadas em círculo, a sustentar o côro, em certo momento apanham o copo e a comida de Exu e atiram parte da água e da comida muito longe, às vêzes mesmo nos limites da roça. O restante volta para o assento de Exu. Os presentes abrem alas, ante a passagem da Dagã e da Sidagã. Só então pode a festa, pròpriamente, começar.

Nos candomblés nagôs e gêges, Exu é invocado em língua africana, mas, nos demais candomblés, a sua invocação não é amável, nem de sentido constante. Um cântico nagô para o homem da rua diz: "Exu, vem receber o teu sacrifício (ébó), ao passo que os cânticos com que se iniciam as festas nos candomblés de outras nações dizem, umas vêzes:

Sai-te daqui, Aluvaiá
que aqui não é teu lugar...

e, outras vêzes, de modo mais camarada,

Bombonjira,
Vem tomar xôxô...

"À exceção dos nagôs (Exu) e dos gêges (Lêgba), os negros de outras nações chegados à Bahia não conheciam espíritos semelhantes ao Homem das Encruzilhadas. Daí a sua incapacidade de evitar o símile com o diabo cristão. Entretanto, nos candomblés nagôs e gêges, Exu e Lêgba nada perderam das suas características fundamentais.

"Além dos nomes já citados, Exu — espírito cultuado universalmente pelos negros da Bahia — tem ainda os nomes de Môjuba, Ékéssãe, Barabô, Tibiri, Tiriri, Lánã, Juá, Maromba, Pavenã, Kolobô, Chefe Cunha, Maioral...

"Embora não seja exatamente um ôrixá, Exu pode manifestar-se como um ôrixá. Neste caso,

porém, não se diz que a pessoa é filha de Exu, mas que tem um carrêgo de Exu, uma obrigação para com êle, por tôda vida. Êsse carrêgo se entrega a Ôgunjá, um Ôgun que mora com Ôxósse e Exu e se alimenta de comida crua, para que não tome conta da pessoa. Se, apesar disto, se manifestar, Exu pode dançar no candomblé, mais não em meio dos demais ôrixás. Isto aconteceu, certa vez, no candomblé do Tumba Junçara (Círiáco), no Bêiru: a filha dançava rojando-se no chão, com os cabelos despenteados e os vestidos sujos. A manifestação tem, parece, caráter de provação. Êste caso do candomblé do Ciriáco é o único de que tenho notícia acêrca do aparecimento de Exu nos candomblés da Bahia."

Vamos agora tentar esclarecer mais alguma coisa de tudo que muito importante sôbre o Exu, disse Edison Carneiro.

Pelo que anteriormente foi dito podemos concluir que Exu, não é um ser pessoal, mas sim, impessoal, pois é o grande fluido, energia ou fôrça viva existente na Natureza e em todo o Universo.

Sôbre o Compadre ou Egrégoro: — Forma astral gerada por uma coletividade, o seguinte:

A respeito das cadeias invisíveis e da formação do ser coletivo a que o ocultismo chama egrégoro, diz G. Phaneg: "O pensamento, a vontade, o desejo, são fôrças tão reais, mais, talvez, do que a dinamite ou a eletricidade. Debaixo da sua influência, a matéria astral, que é tão plástica, faz-se compacta e toma forma. O fato está provado por inúmeras experiências. Se, portanto, algumas pessoas se reúnem num local, emitindo vibrações fortes e idênticas, pensamentos da mesma natureza, um ser verdadeiro ganhará vida e ficará animado de uma fôrça, boa ou má, conforme o gênero dos pensamentos emitidos. A princípio fraco e incapaz de atividade, prestes a dissolver-se, se fôr abandonado a si mesmo; êsse ser coletivo vai-se precisando à medida que as reuniões aumentam; a sua forma torna-se cada vez mais nítida e êle adquire uma possibilidade de ação cada vez maior.

Dispondo da energia e do saber acumulados das pessoas que o formaram, o egrégoro é mais forte e mais inteligente do que cada um dos seus membros em particular; êle os vigia, protege e dirige, corrigindo-os e castigando-os, quando tentam desviar-se das linhas comuns.

Pelo que acima foi dito, chamamos a atenção de todo filho de Umbanda: "cuidado com o Compadre"; e também a todos os freqüentadores da Umbanda, que quando se entra na porta de uma tenda ou terreiro a primeira coisa a fazer é pedir licença ao dito compadre.

Exu é, pois, o grande agente mágico; portanto, impessoal; e quando se diz: Exu Môjuba, Ékéssâe, Barabô, Tibiri, Tiriri, etc., aqui já se refere a Exus pessoais, isto é, a sêres, entidades espíritos pertencentes a sua enorme Legião.

Sendo Exu o grande intermediário entre os homens e os ôrixás, fàcilmente se poderá compreender porque em todos os trabalhos de magia a primeira oferta lhe é dedicada, pois o magista, tanto branco como negro, nada pode fazer ou realizar sem se uti-

lizar dêste grande agente. Mesmo na vida material o homem a todo instante está se utilizando de leis e fôrças; portanto, manifestações diferentes de Exu.

Pelo que acabamos de expor, sem Exu não se faz nada, como afirma o respectivo "Ponto Cantado".

Sendo o céu considerado positivo e a terra negativo, e no homem a cabeça positivo e os pés negativos, se poderá compreender o motivo porque na Umbanda os médiuns trabalham de pés no chão. Também fazemos ciente que os chamados banhos de descarga dão melhor resultado sendo tomados com os pés em contacto com a terra.

Tendo a semana sete dias, e sendo cada dia da semana regido ou governado por um espírito superior, Anjo, Orixá, Santo, etc. — mas como afirma Hermes e os antigos magos: "Tudo tem o seu Oposto" — assim, também na Umbanda temos sete linhas superiores e sete espíritos superiores regentes de cada dia da semana e também sete Exus chefes, tendo cada um dêstes também o seu dia, e a regência da parte oposta do dito dia.

Pelo o que acima foi dito pode-se concluir que no mesmo dia e hora que o mago branco ou umbandista pode trabalhar com o espírito superior para o bem, assim também, no mesmo dia e hora pode o mago negro ou quimbandeiro trabalhar com o espírito oposto para o mal. Exemplo: — Em uma sexta-feira o mago branco ou umbandista utilizando-se do grande agente mágico pode trabalhar com Anaél, Oxun, para o amor sublime, puro e bom; e também no mesmo dia e hora o mago negro ou

quimbandeiro utilizando-se do grande agente mágico pode trabalhar com a Lilith, Pomba-Gira, para o amor carnal, impuro, sensual, e até pode fazer uniões amorosas sensuais.

Pelo que foi dito podemos concluir que a magia é uma só, pois o agente mágico é um só; o agente mágico de que se serve o mago branco para fazer o bem, é o mesmo de que se serve o mago negro para fazer o mal. A mesma energia, tanto se presta para fazer o bem como para fazer o mal; dá a vida e dá a morte, etc. Portanto, não há magia branca e magia negra; o que há, é, homens bons e maus, magos brancos e magos negros, almas brancas e almas negras, umbandistas e quimbandeiros, etc.

Quanto à serpente Dã (gêge) temos a dizer que simboliza o grande agente mágico, Exu impessoal, de que já falamos. Corresponde também à serpente cabalista, e à cobra coral do atual culto bantu-ameríndio.

Quanto a "Lêgbá ou Êlêgbará", temos a dizer que é, o rei dos Exús, o maioral, um espírito chefe de tôdas as legiões e falanges dos espíritos chamados Exús.

E à vista de tudo quanto dissemos e de muito mais que ainda poderíamos dizer, mas, por enquanto, sòmente diremos: Eu te saúdo ó grande Exu, pois se tu não existisses o Universo e o nosso mundo não existiriam; se o homem existe deve a sua existência a ti, pois se os meus pais não tivessem se utilizado de ti amorosamente, eu não existiria neste mundo físico; e se neste momento estou es-

crevendo estas linhas, és tu, Exu, que manifestado em fôrça vital e nervosa movimentas a minha pena; assim, a todo o momento todo homem se utiliza de ti como fôrça física, vital e nervosa, pois na vida tu és manifestações diferentes de ti mesmo. Tanto no bem como no mal, na construção como na destruição, na vida como na morte, pois tu és criador, conservador, destruidor e transformador, conforme o uso bom ou mau que de ti se fizer. É utilizando-se de ti que os bons espíritos, o mago branco e o homem bom fazem o bem e as boas obras; é servindo-se de ti que os maus espíritos, o mago negro e o homem mau fazem o mal e as más obras; porém, tu não és o culpado do mal mas, sim, o homem ignorante, ambicioso e mau, que em vez de te enegrecer, sujar e animalizar, devia cada vez mais te limpar, sublimar e espiritualizar, para que, quando chegar o dia da morte do corpo carnal, tu sejas o corpo luminoso com o qual o espírito do dito homem estaria revestido semelhante ao de Jesus ressuscitado.

Ao terminar estas linhas pensamos que alguns dirão que estamos confundindo o diabo com Deus; a êsses responderemos que não temos culpa de terem falta de conhecimentos.

E terminando, dizemos: Salve o grande Exu; Salve o subconsciente de Deus; Salve a Substância prima Mãe Universal, geradora, modeladora e formadora de tôdas as coisas; Salve o grande fluido Animador; Salve a grande Fôrça Viva da Natureza; Salve a verdadeira Umbanda religiosa e científica.

E filosofando, dizemos: Em Deus e Diabo está a ciência do sábio. Em Deus e Diabo está a fôrça e poder do mago. E transmutar, o mau em bom, as trevas em luz, o Diabo em Deus, é a obra do verdadeiro iniciado.

Nota: — Chamamos a atenção que o Exu que citamos não é um espírito demoníaco ou ser pessoal mas, o grande agente mágico, a grande energia Universal, o sem forma, o não ser, etc.

EVOCAÇÃO DO EXU REI DAS ENCRUZILHADAS

Em uma segunda-feira, próximo à meia-noite, em uma encruzilhada, dizer:

Eu vos saúdo e evoco ó grande Rei das encruzilhadas! Rei da grande legião dos trabalhadores e povo das encruzilhadas; os incansáveis e abnegados trabalhadores terrenos, que favorecem e ajudam a criatura humana abrindo os seus caminhos, removendo todos os obstáculos, destruindo todo mal e afastando tôdas as fôrças contrárias para que, tanto o homem como a mulher, realizem os seus desejos e tenhm progresso e prosperidade.

Eu vos saúdo e evoco ó grande Gênio e Rei dos trabalhadores e povo das encruzilhadas! Saúdo todos os vossos ministros! Saúdo todos os chefes! Saúdo todo o vosso povo e falanges das encruzilhadas. Peço que me sejas propício; que aceiteis a oferta que vos faço; e que ordeneis aos vossos servos que façam a minha vontade realizando os meus desejos, que é...

Em seguida cantar:

Exu da meia-noite
Exu da encruzilhada
Salve o povo da aruanda
Sem Exu não se faz nada.

Nota: — Para se poder fazer a evocação acima, é necessário que a pessoa esteja convenientemente preparada, tenha os conhecimentos suficientes e saiba qual é a oferta correspondente que tem de lhe dar; se não, corre perigo de lhe acontecer muita coisa má.

A POMBA-GIRA

Ao terminar êste capítulo não podemos deixar de fazer algumas referências à fôrça feminina das encruzilhadas, ou seja, o Exu feminino; conhecido na Umbanda como Exu Pomba-Gira, é um dos sete ministros do grande Rei ou chefe de todos os Exus; o dia que lhe pertence a governar é a sexta-feira, principalmente à noite.

Segundo a opinião da maioria dos médiuns e de alguns chefes de terreiro a Pomba-Gira não gosta de mulheres, só gosta de trabalhar para homens; pois é muito natural que ela sendo mulher só goste de homens; assim como os homens só podem gostar de mulheres; isto é, a não ser em alguns casos de sexo invertido.

No entanto, Exu Pomba-Gira não é inimiga das mulheres, pois também trabalha a favor e em benefício das mulheres; depende ùnicamente da classe do trabalho que a mulher quer que ela lhe

faça e da presença e ação de um magista ou médium do sexo masculino, para que ela possa trabalhar com eficiência.

Portanto, isto quer dizer que todos os trabalhos com Exu Pomba-Gira tem como base a lei da polaridade e do sexo.

Enfim todo o homem que quiser conseguir alguma coisa de Exu Pomba-Gira vá em uma sexta-feira, próximo da meia-noite, em uma encruzilhada, (se fôr uma mulher que quer ser beneficiada deve de ir em companhia de um homem) levando a oferta correspondente ao trabalho, pedir licença e em seguida cantar o ponto:

Arreia, Arreia,
Rainha da gira,
Vem trabalhar
Exu Pomba-Gira.

E quando mais ou menos sentir a sua presença, cantar a seguinte saudação:

Salve tátá Pomba-Rirê,
Salve Exu mulher.
Ela é na encruzilhada
A que faz tudo o que quer.

Em seguida entregai a oferta e fazei o pedido; terminando direis: Assim como na encruzilhada tu és aquela que fazes tudo o que queres, assim também me façam o que eu quero.

E terminando dizei: Assim como os astros giram, as estrêlas brilham, o Sol e a Lua iluminam, assim estou confiante de me fazerem o que eu quero; e logo que isto obtenha, eu vos trarei uma boa oferta (dizer o que se vai dar em agradecimento).

Nota: — Chamamos a atenção que, o que expusemos é muito perigoso para quem não estiver preparado convenientemente, e não tiver conhecimento necessário do que um trabalho dêstes requer, pois está arriscado a muita coisa má.

CAPÍTULO IV

O SETENÁRIO

Uma das bases das principais religiões e principalmente da antiga magia é o Setenário. De todos os cultos africanos sendo o nagô o que mais está em afinidade e semelhança com o antigo ocultismo e com o cristianismo primitivo, não podia deixar de ter também o seu Setenário (sete linhas) assim constituído: — Oxalá, Iêmanja, Ogun, Oxosse, Xangô, Oxun, Omolu, nomes êsses dados às sete legiões de espíritos governantes dos sete dias da semana.

Chamamos a atenção que esta denominação não significa ôrixás mas, sim, nomes êsses dados a cada uma das legiões (ou linhas) que constituem o Setenário nagô.

Vamos analisar agora o Setenário nagô com os Setenários cristão, cabalístico e, principalmente, com o da antiga magia.

Os antigos magos afirmavam que há sete legiões de espíritos superiores e que cada legião tem um espírito chefe, ou regente; e que cada legião tem sete grandes falanges; e que cada uma destas sete grandes falanges tem o seu espírito chefe, ou mi-

nistro; e que cada uma destas sete grandes falanges é dividida em sete falanges menores etc., até que fazem uma divisão de sete vêzes sete (7×7).

Como também, que estas sete linhas de espíritos superiores, tem sete legiões opostas de espíritos inferiores (ou demônios); quer isto dizer que, cada espírito superior tem um espírito inferior seu oposto. Pois tudo tem pólos, tudo tem o seu oposto, tudo tem a sua sombra; assim afirma a ciência hermética.

Também que cada dia da semana e certas horas dos ditos dias são regidas ou presididas pelas sete legiões; e que cada legião rege ou preside a uns tantos trabalhos espirituais e mágicos; assim como também a umas tantas e determinadas coisas.

Segundo os antigos magos e cabalistas, damos a seguir os nomes dos sete espíritos superiores ou anjos, e dos espíritos inferiores ou demônios, que regem ou presidem aos sete dias da semana:

CORRESPONDÊNCIA DO SETENÁRIO MÁGICO E CABALÍSTICO COM O NAGÔ

Legiões Cabala	Linhas Nagô	Dias da semana	Anjos ou espíritos superiores	Opóstos ou demônios	Obras ou trabalhos que se pode fazer
Sol	Oxalá	Domingo	Miguel	Lucifer	Luz e elevação
Lua	Iêmanjá	Segunda	Gabriel	Hasmodat	Adivinhação e mudança
Marte	Ogum	Têrça	Samuel	Nambroth	Cólera e castigo
Mercúrio	Oxossi	Quarta	Rafael	Astaroth	Ciência e eloqüência
Júpiter	Xangô	Quinta	Sakiel	Acham	Justiça e paz
Vênus	Oxum	Sexta	Anael	Lilith	Amor e união
Saturno	Omolú	Sábado	Zadkiel	Moloch	Maldição e morte

Chamamos a atenção que na antiga magia, assim como na Cabala, quando se diz: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno, não significam astros ou planêtas, mas sim, sete legiões de espíritos (ou linhas), como no culto nagô.

Assim como os chamados dias e horas astrológicas não são dias e horas planetárias mas, dias e horas místicas ou espirituais.

Também fazemos ciente que não há côres, perfumes, defumadores, plantas, pedras, etc. planetárias ou astronômicas mas, sim, místicas, espirituais.

Fazemos ciente que existe muita doutrina e ciência esotérica disfarçada em astrologia, cartomancia, parábolas, contos de fadas, etc. Portanto, não confundir Junho com Juno, como fazem algumas pessoas por falta de conhecimentos.

Verdade é que os antigos astrólogos cabalistas, sendo verdadeiros iniciados, escolheram sete àstros cujas vibrações e influências naturais eletro-magnéticas estão mais em afinidade e harmonia com as vibrações e influências espirituais das sete legiões. Porém, mais uma vez chamamos a atenção, não confundir a influência dos sete astros com a das sete legiões ou linhas.

Além dos espíritos superiores que fazem parte destas sete legiões ou linhas, os antigos magos trabalhavam também com as fôrças vivas da Natureza, ou seja, com os espíritos dos elementos: Fogo, Ar, Água, Terra, aos quais chamavam de elementais.

Também fazemos ciente que nos tempos antigos alguns magos também trabalhavam com os

espíritos dos mortos; eram conhecidos pelo nome de nicromantes.

Agora vamos fazer uma comparação da antiga magia com a do antigo culto nagô.

Segundo a opinião dos antigos e de alguns modernos ocultistas, e também do velho babalaô africano, os espíritos, anjos, entidades, que regem as sete legiões ou linhas são as mesmas em tôdas as religiões, seitas ou sistemas, apenas com diferença de nome; e nós temos êste conceito como verdadeiro.

Assim como, também, os sete chefes opostos (Demônios ou Exus) que regem as sete legiões ou linhas opostas, também são os mesmos em tôdas as religiões, seitas e sistemas, apenas com diferença de nome.

Note-se que o culto nagô confirma a lei da polaridade ou dos opostos, pois cada uma das sete linhas tem o seu Exu ou oposto, como seja: Exu da linha de Oxósse, Exu da linha de Xangô, da de Oxun, da de Omolu, etc. Mesmo no atual culto bantu-ameríndio, cada médium tem o seu caboclo ou guia, mas também têm o seu Exu familiar; portanto, a Umbanda confirma a lei da polaridade ou dos opostos.

Quanto à regência dos dias da semana, temos a dizer que sendo os mesmos sete espíritos superiores que regem todos os Setenários em tôdas as religiões, seitas, sistemas, etc. portanto, a regência dos dias da semana correspondem aos mesmos sete espíritos superiores em tôdas as religiões, seitas, sistemas, etc., como está exposto no quadro ante-

rior; isto é, Oxalá domingo, Iêmanjá segunda-feira, Ogun têrça, Oxossi quarta, etc. e não, como atualmente nos diversos cultos de Umbanda: Segunda-feira — Exu e Omolu, Têrça-feira — Naná e Oxunmarê, Quarta-feira — Xangô e Iansã, Quinta-feira — Oxosse é Ogun, Sexta-feira — Oxalá, Sábado — Iêmanjá e Oxun; pois esta divisão e conceito não corresponde ao Setenário, não está certa, não está em harmonia, mas, sim, a que foi exposta no quadro anterior e também cientìficamente confirmada pela opinião do velho babalaô.

Pelo que acima foi exposto, podemos concluir que os africanos que vieram para o Brasil não tinham os verdadeiros conhecimentos místicos espirituais do culto nagô; ou então, houve deturpação.

Também chamamos a atenção que quando os antigos magos cabalistas diziam: Filho do Sol, filho da Lua, de Marte, de Mercúrio, etc., e o mesmo que dizer na Umbanda: Filho de Oxalá, filho de Iêmanjá, de Ogun, de Oxosse, etc.

Também fazemos ciente que os dias da semana são divididos em duas partes, uma masculina positiva e outra feminina negativa; isto é, desde a hora que o Sol nasce até a hora em que êle se põe, é a parte masculina; e desde o pôr do Sol até a hora do seu nascimento no dia seguinte, é a parte feminina.

Exemplo: Dia de Ogum, é têrça-feira desde a hora que o Sol nasce até a hora do seu nascimento na quarta-feira seguinte.

Também as sete linhas, tanto as sete superiores como as sete opostas, têm duas partes, uma

masculina e outra feminina; e assim: Xangô macho e Xangô fêmea (Iansã) como Oxosse macho e Oxosse fêmea; Oxun macho e Oxun fêmea; Exu macho e Exu fêmea etc., pois tudo tem uma parte masculina e a outra feminina. O sexo existe em todos os planos, assim afirma a filosofia Hermética. É por isso que os antigos magos em todos os principais trabalhos de magia faziam questão da presença da mulher.

Também fazemos ciente que os antigos iniciados nagôs, além dos espíritos das sete linhas, também trabalhavam, como na antiga magia, com as fôrças vivas da Natureza, ou seja, os espíritos elementais. Eis a resposta que me deu um velho chefe de terreiro nagô a uma pergunta nossa sôbre o seu sistema de trabalhar:

Os nossos trabalhos são diferentes dos espíritas; os espíritas trabalham com os espíritos dos tos, e nós trabalhamos com os espírito celestes e com os espíritos encantados. Quer isto dizer que êste chefe de terreiro trabalhava como os antigos magos com os espíritos celestes pertencentes às sete linhas, e com os espíritos elementais, que são fôrças vivas da Natureza, ou seja, os espíritos dos elementos: Fogo, Ar, Água, Terra.

Pelo que foi dito acima podemos concluir que o culto nagô, até nisto está em afinidade e semelhança com o antigo ocultismo.

Note-se que, assim como nos tempos antigos haviam alguns magos que trabalhavam com os espíritos dos mortos, assim também alguns iniciados africanos trabalhavam com os espíritos dos ante-

passados; principalmente no atual culto bantu-amerindio, temos: Pais Joaquins, Pais Tomases, Beneditos, Mães Marias, Vovós, etc.

Atualmente encontra-se alguma diferença da antiga tradição africana com a moderna Umbanda, pois nota-se na moderna Umbanda a influência católica, tupi, e nos últimos anos a kardecista; porém, chamamos a atenção que muitos umbandistas não se conformam com a mistura, nem tampouco com a adaptação dos santos católicos como chefes das sete linhas; nós julgamos que êstes é o que estão certos, pois não desfazendo no sublime espírito de São Jerônimo, muito antes da existência de São Jerônimo já existia a linha de Xangô.

Outrossim, segundo os antigos ocultistas e opinião do velho babalaô, o espírito que está encarnado em nós ou anjo guardião é um dos espíritos componentes de uma das sete legiões, isto é, faz parte dos espíritos pertencentes a uma das sete linhas ou legiões.

Outro caso: já dissemos que cada linha tem um espírito regente ou chefe, e também sete ministros, sendo que cada ministro tem o seu atributo e domínio e também relações ou correspondência com os chefes das outras linhas ou legiões. Portanto, um ocultista que fôr filho de Samuel, se tiver que resolver um assunto que é regido e está sob o domínio da legião de Anael, neste caso o dito ocultista o primeiro que tem de fazer é evocar o ministro da sua própria legião que se relacione com a legião de Anael.

Assim também na Umbanda, o filho de Ogun

se tiver que resolver um assunto (ou trabalho) que se relacione com os rios, o primeiro que tem de fazer é evocar o Ogun-Iara; e se o assunto é na mata, deve evocar o Ogun-Rompe-matos; e se é na encruzilhada, o Ogun-Malê, etc. Pois, ou o dito Ogun mesmo resolve o caso, ou então êle dará ordem para evocar as outras entidades correspondentes.

Note-se que há ocultistas assim como umbandistas que em vez de dirigir-se primeiro à entidade correspondente de sua própria linha, se dirigem diretamente às entidades da linha que governa o assunto. Não discutimos êste caso, sòmente dizemos que a técnica de recorrermos à entidade da nossa própria linha que se relaciona com o assunto, deve dar melhor resultado do que recorrermos diretamente aos outros.

Outro caso para que também chamamos a atenção é o seguinte:

Os antigos magos quando tinham de trabalhar com os espíritos superiores se isolavam da terra, pois faziam as evocações em cima de um tapête e envolvidos em túnicas de lã; porém, quando tinham de trabalhar com as fôrças vivas da Natureza, ou com certa categoria de espíritos, era dentro de um círculo e de pé no chão, como atualmente fazem os filhos de Umbanda no terreiro. Fazemos ciente que o caso do ocultista assim como o umbandista, ficar de pé no chão não é só religioso, mas também um caso de física, portanto, científico.

Pelo que acima foi dito podemos concluir que a antiga Umbanda até tècnicamente está em afinidade e semelhança com o antigo ocultismo.

A Ordem ou Fraternidade de Umbanda, tem o seu fundamento desde o plano espiritual, mental, astral e físico, em princípio, harmonia, afinidade e semelhança com as outras Ordens e Fraternidades existentes, principalmente com as Ocidentais; pois, tanto o Cristianismo como a Umbanda pertencem ao grupo de religiões chamadas Ocidentais.

Segundo os antigos ocultistas cada uma das sete legiões ou linhas é formada de espíritos pertencentes aos sete Planos, isto é, fazem parte da organização de cada legião ou linha espíritos que pelo seu grau espiritual habitam nos seus Planos correspondentes: 1.º; 2.º; 3.º; 4.º; 5.º; 6.º; 7.º.

Também chamamos a atenção que um espírito superior pode se manifestar no médium como muito bem entender ou quiser; isto é, pode no terreiro bantu-ameríndio se manifestar no médium como preto velho ou caboclo; em um terreiro malê como árabe; em uma sessão kardecista como branco e intelectual; em uma sessão esotérica como indu, etc. Portanto, conforme o meio, conforme as crenças, fé e ambientes, assim os espíritos se manifestam, para assim poderem melhor beneficiar os seus crentes e adeptos.

E como falamos em fundamento, citamos uma parte do capítulo "A visão de cima para baixo" da obra "Primeiras Revelações de Umbanda". Diz o seguinte:

"Umbanda é uma Congregação de espíritos superiores no Astral, buscando suavizar e contribuir para a evolução do plano térreo."

E mais adiante diz o seguinte:

Umbanda é o meio de contato entre os espíritos de Planos Superiores e a matéria.

E' a forma com que se torna possível a manifestação dos entes de planos elevados com os irmãos da matéria.

Se foi fundada de cima para baixo, isto é, primeiro no plano Astral para depois o ser no plano físico, conta, por isso mesmo, com bases sólidas no Astral, de forte repercussão na matéria.

As outras formas de comunicação dos invisíveis com a matéria, de linguagem fácil, sem ritual velado, frágil base possuem no Astral, em virtude da sua origem ser de baixo para cima; data de pouco tempo sua repercussão no Astral onde são mais um aglomerado do que pròpriamente uma congregação; fixamos aqui, para vossa melhor compreensão, em 70 a 80 anos o seu aparecimento no Astral.

Seus alicerces são frágeis e constantemente se vêem ameaçados pelas hordas de espíritos em evolução, que tentam e procuram destruí-las; por si só quase não se mantém no Astral, sem o constante calor e alento que lhes emprestam os congregados da Lei de Umbanda."

À vista do que acima foi dito, no entanto ainda há espíritas e espiritualistas que criticam e falam mal da Umbanda!...

E ao terminar êste capítulo dizemos: O Setenário é o grande número religioso e mágico.

Como afirma Eliphas Levi em uma das suas obras: O Setenário é o grande número bíblico. E' a chave da criação de Moisés e o símbolo de tôda a religião.

Damos a seguir sete pontos cantados correspondendo cada um a uma das linhas do Setenário nagô, e também os principais trabalhos mágicos que as ditas sete linhas regem e favorecem:

Os principais trabalhos mágicos que as sete linhas regem e favorecem são as seguintes:

Domingo — Oxalá — Anjo Miguel — Obras ou trabalhos de Luz, Elevação, Dignidade, honras, boa saúde, riqueza, prosperidade. Assuntos espirituais.

Segunda-feira — Iêmanjá — Anjo Gabriel — Obras ou trabalhos de adivinhação, limpeza, mudança, viagens marítimas, felicidade contra as traições, proteção espiritual.

Terça-feira — Ogun — Anjo Samuel — Obras ou trabalhos de castigo, coragem, ousadia, vitória, ações militares contra os inimigos, vitória nos combates, nas lutas e em tudo: domínio sôbre os inimigos.

Quarta-feira — Oxosse — Anjo Rafael — Obras ou trabalhos de ciência, eloqüência, rapidez, comerciais, propaganda, viagens terrestres, contra as prisões e escravidão.

Quinta-feira — Xangô — Anjo Sakiel — Obras ou trabalhos de justiça, paz, prosperidade, êxito em todos assuntos e negócios sérios, saúde, progresso, assuntos religiosos.

Sexta-feira — Oxun — Anjo Anael — Obras e trabalhos de amor, união, casamento, harmonia, prazer, alegria, assuntos e negócios femininos, felicidade amorosa, belas artes.

Sábado — Omolu — Zadkiel — Obras ou trabalhos de morte, destruição, graves, severas, revelações de segredos e causas ocultas, defesa contra os maus espíritos, enfeitiçamentos, inimigos e traições ocultas, destruição de maus fluidos, cargas, feitiços, etc., agricultura e tudo que se relacione com o solo terrestre.

Sete Pontos Cantados correspondentes às Sete Linhas:

Ponto de Oxalá:

Oxalá meu Pai,
Tem pena de mim tem dó
A volta do mundo é grande
Seu poder inda é maió.

Ponto de Iêmanjá:

Hoje é dia de Nossa Senhora
De nossa Mãe Iêmanjá
Calunga é, é, é, é, é.
Calunga á, á, á, á, á.

Brilham as estrêlas no céu
Brincam os peixinhos no má,
Calunga é, é, é, é, é.
Calunga á, á, á, á, á.

Ponto de Ogun:

Quando Ogun partiu para a guerra
Oxalá lhe deu carta branca
Para Ogun vencer batalhas
E seus filhos vencer demanda.

Ponto de Oxósse:

Oh! viva Oxósse, é...
Oh! viva Oxósse, á...
Êle é caboclo do mato!
Oh! viva Oxósse, ê
Minha Pai!

Ponto de Xangô:

Pedra rolou Xangô,
Lá na pedreira,
Firma ponto meu Pai
Na cachoeira.

Ponto de Oxun:

Oxun Mariou
Oxun Mariou
Ariarou ariará
Ariará ariarou.

Ponto de Omolu:

O' senhor das almas,
Não seja para mim severo,
Êle é Omolu
Rei do cemitério.

Nota: — Como ja dissemos, o culto bantu sendo pobre em mitologia e conhecimentos espirituais, não tendo organização sacerdotal, sendo praticado ao belprazer de cada chefe de terreiro, com o correr do tempo criaram ôrixás e linhas que primitivamente não existiam. Por exemplo: a linha de São Benedito, a de São Cipriano, etc.

Chamamos a atenção que apenas damos um dos diversos pontos cantados correspondentes as sete linhas, pois já é muito conhecido que a cada linha corresponde muitos pontos cantados, riscados, etc.

Capítulo V

OS TRABALHOS MÁGICOS

O bom êxito de todo e qualquer trabalho de magia depende do seguinte:

Primeiro: — Da fé, confiança, convicção e certeza que o magista tem em si e nas fôrças espirituais que executam ou fazem o trabalho.

Segundo: — Dos conhecimentos necessários dos rituais, ofertas, meios e processos como também do conhecimento das fôrças espirituais de que se vai utilizar.

Terceiro: — De saber o que as fôrças favorecem e os trabalhos a que os espíritos melhor se prestam.

Quarto: — Dos dias e horas favoráveis aos trabalhos mágicos que tiver de fazer.

Uma vez que um iniciado em um dos cultos da lei de Umbanda tenha perfeito conhecimento de tudo o que acima foi dito, está apto a fazer qualquer trabalho; isto é, dentro das possibilidades, e também segundo as fôrças e poder de cada magista; pois, o poder é relativo a cada homem, segundo a sua evolução e grau espiritual, isto é, não é igual em todos, portanto uns podem mais e outros podem menos.

Em geral o êxito de todo e qualquer trabalho mágico importante depende do seguinte:

Primeiro: — De dar a oferta a Exu correspondente ao que se deseja conseguir.

Segundo: — De fazer uma oferta, preces, acender velas, etc., em benefício dos espíritos dos mortos. Pois quem não beneficiar os espíritos sofredores, também não pode ser beneficiado pelos espíritos superiores.

Terceiro: — De fazer um benefício a uma pessoa pobre, se o trabalho é para se conseguir benefícios materiais. Pois quem não faz benefícios aos outros, também não tem direito de ser beneficiado. Dá para poderes receber, disse Jesus; portanto, quem quer ser beneficiado cumpra a lei da compensação.

E logo que foi feito e cumprido os três preceitos acima expostos, então se poderá trabalhar com o povo (espíritos) de Oxosse, de Xangô, etc., pois, se o trabalho fôr para fim bom, justo e de merecimento, a pessoa consegue o que deseja.

Outro assunto importante que todo o médium, magista e magnetizador deve saber é quando as fôrças da sua natureza estão em atividade ou descanso, isto é, conhecer a lei do Ritmo, pois, assim como na grande Natureza temos: a primavera que é quando as suas fôrças entram em atividade, em seguida o verão atingindo o máximo, no outono entram as fôrças em declínio, e no inverno em inatividade ou descanso. Portanto, a lei que rege a grande Natureza é a mesma que rege as nossas pequenas naturezas. Isto quer dizer que, para têrmos êxito nos trabalhos mágicos, atos, negócios e em

todos os assuntos da nossa vida, devemos andar e agir em harmonia com esta grande lei.

Exemplo: — Uma pessoa nascida em 23 de Maio de 1949, tem as suas fôrças em atividade, declínio e descanço, todos os anos da sua vida, nos períodos seguintes:

Desde 23 de Maio a 22 de Novembro, em atividade.

De 23 de Novembro a 22 de Fevereiro, em declínio.

De 23 de Fevereiro a 22 de Maio, em inatividade ou descanso.

Pois assim como o lavrador tem épocas próprias para semear e colhêr os frutos, assim também o médium, o mágico, o magnetizador tem épocas próprias para trabalhar, outras para descanço, e outras para colhêr o fruto ou resultado do seu trabalho.

Também chamamos a atenção que todos os magistas devem ser persistentes, pois assim como lavrador não pode colhêr no mesmo dia que semeou o fruto, assim, também, em muitos trabalhos de magia não se pode ter logo o resultado no mesmo dia em que foi feito o trabalho, a não ser em alguns casos, pois em geral quase sempre há uma demora, maior ou menor, conforme os casos.

Mais uma vez chamamos a atenção da importância da persistência e repetição nos trabalhos mágicos e em muitos atos e assuntos da nossa vida, pois a "água mole na pedra dura tanto dá até que fura".

Eis o que sôbre a persistência e repetição a Bíblia diz:

Se bateres na porta do teu vizinho pedindo pão e te disserem: "não pode ser, já estou deitado", não desistas de bater, bate no dia seguinte, bate todos os dias, continui batendo sempre, que êle acabará por te atender; quando mais não seja, para que deixeis de o importunar.

No evangelho de S. Lucas, cap. 18, versículos 4 e 5, diz o seguinte:

E êle por muito tempo lhe não quis deferir. Mas por último disse lá consigo: Ainda que eu não temo a Deus nem respeito os homens, todavia como esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, para que por fim não suceda que, vindo ela muitas vêzes, me carregue de afrontas.

Como vemos, o dito juiz não temia Deus nem os homens; no entanto, teve mêdo da persistência e teimosia da viúva.

Pelo que acima foi dito, é o caso de se dizer: Os espíritos acabarão também por fazer a nossa vontade; quando mais não seja, para se verem livres da nossa amolação. Isto quer dizer que devemos imitar a dita viúva, repetindo constantemente a ação mágica e pedir diàriamente aos espíritos até conseguir o que desejamos.

Quanto ao tempo do trabalho dar o seu resultado, varia de caso para caso e de pessoa para pes soa; por exemplo: um tomateiro dá fruto depressa, um mamoeiro demora mais um pouco, uma mangueira demora bastante tempo para dar seu fruto. E à vista disto é ter fé, confiança e paciência como o lavrador, e persistência e teimosia como a viúva, se quisermos ter bom resultado e ser bem sucedidos

nos trabalhos mágicos, como também nos pedidos e preces que fazemos.

O êxito em muitos trabalhos mágicos, principalmente nos de demanda, também depende de saber aplicar as leis e fôrças. Por exemplo: Um homem fraco fìsicamente, mas que tem conhecimento de todos os golpes de capoeira ou luta livre, vence um outro forte (massa bruta) que não tem conhecimento do dito jôgo; pois, tudo o que existe em baixo é como o que existe em cima — assim afirma a filosofia Hermétca.

Outro ponto de grande importância para o bom êxito dos trabalhos mágicos é a lei da polaridade e do sexo: Tudo tem pólos; tudo tem o seu oposto; tudo tem sexo; tudo tem uma parte masculina e outra feminina. Isto quer dizer que um magista homem trabalha com muito mais eficácia tendo como seu auxiliar uma mulher, ou vice-versa, pois, assim como um motor elétrico só se pode movimentar tendo os dois pólos, assim também as fôrças da Natureza para se movimentarem precisa haver os dois pólos, positivo e negativo, masculino e feminino, etc.

Muitos, por não trabalharem em harmonia com estas leis, têm tido a maioria dos seus trabalhos fracassados.

Outro ponto importante é o seguinte:

Os antigos magos quando trabalhavam ou evocavam as fôrças e espíritos ficavam com a frente para o ponto cardeal correspondente e faziam a evocação dando à sua voz tom correspondente à tonalidade vibratória das fôrças ou espíritos que evocavam. Pois já é bastante conhecido que, para se

poder trabalhar com uma fôrça ou espírito, é preciso, primeiramente, que se esteja em afinidade e harmonia com a dita fôrça ou espírito, isto é, é preciso primeiramente que o magista se ponha moralmente e espiritualmente em afinidade e harmonia com a fôrça ou espírito que deseja evocar e trabalhar.

Por exemplo: para se evocar os espíritos das falanges de Oxalá: depois de estar vestido com as côres correspondentes, ficar de frente para o Este, e cantar os pontos em voz baixa, e em melodia sacra.

Iêmanjá: — De frente para o Oeste, cantar em tom médio, em melodia de valsa.

Xangô: — Depois de estar vestido com as suas côres, ficar com a frente para o Este, e cantar os pontos em tom médio e em melodia sacra alegre.

Ogun: — Depois de estar vestido de vermelho, ficar com a frente para o Sul, cantar os pontos em voz alta e em melodia guerreira.

Oxosse: — De frente para o Norte, em tom de voz médio, e em melodia rápida, isto é, com a rapidez com que são cantados alguns sambas.

Oxun: — De frente para o Oeste cantar em tom médio, música alegre, melodia de valsa.

Omolu: — De frente para o Norte, cantar em tom médio, e em melodia grave (de funeral).

Note-se que o que acabamos de expor, é quando se quer trabalhar com conhecimento científico e com consciência do que se está fazendo, pois há muitos terreiros que cantam os pontos em desarmonia com as vibrações das fôrças e espíritos que evocam e trabalham, etc.

Outro ponto para que também chamamos a atenção é o seguinte:

Quando se trabalha em benefício dos outros, o bom êxito do trabalho depende também da fé, confiança, persistência, e merecimento da pessoa para quem se trabalha.

E terminando, dizemos:

Nunca apliques e utilizes leis e fôrças sem teres conhecimento e saber como as deves de aplicar e utilizar; e também, quando duvides da sua ação e eficácia.

Nota: — Por têrmos aconselhado a persistência e a repetição não queremos com isto dizer que se deve a todo instante se estar mexendo em um trabalho que foi iniciado e feito, pois assim como o lavrador, depois que lançou a semente na terra, êle diàriamente a vai regar, mas não mexe na semente que foi semeada para ver se ela já está dando o seu resultado; pois se isso fizer estraga a semente e perde o seu trabalho.

Portanto, não confundir o mexer em um trabalho iniciado e feito, com a repetição das ações mágicas para fortificá-lo.

Aconselhamos que meditem no ponto cantado seguinte:

Galinha preta,
Não se deve depenar,
Bota-se o dendê em cima
E deixa a aruanda trabalhar.

Portanto, tratemos de fortificar o trabalho iniciado, com as ações, afirmações, pedidos ou preces; assim como o lavrador fortifica a semente, regando-a e adubando-a constantemente; tendo fé, confiança e paciência, no devido tempo se colherá o fruto desejado.

Capítulo VI

TRATAMENTOS ESPIRITUAIS, MENTAIS OU PSÍQUICOS

Primeiro de tudo dizemos que o assunto de que vamos tratar é muito complexo, mas como o nosso desejo é contribuir para o benefício do próximo, vamos tentar dar e explicar o que fôr possível, pois a nossa mente é humana e relativa.

O bom êxito de todo o tratamento espiritual, mental e psíquico depende dos quatro fatôres seguintes:

1.º — Do saber a causa da doença, sofrimento ou perturbação.

2.º — Da fé e confiança que o doente tiver no tratamento.

3.º — Do merecimento do doente de ser curado.

4.º — Do médium ou curador saber aplicar e utilizar as leis e fôrças.

Principiemos pelo primero fator:

Tôda Causa tem seu Efeito; todo Efeito tem sua Causa, afirma a filosofia Hermética.

As nossas doenças e sofrimentos tanto físicos como morais, são conseqüências dos nossos vícios e

defeitos presentes ou passados. Basta a pessoa se corrigir ou regenerar, será o suficiente para que a doença ou sofrimento desapareça.

Pelo o que acima foi exposto podemos concluir que tôda doença, sofrimento, carga de maus fluidos, perturbação, atuação, perseguição de espíritos, tem sua "Causa"; e uma vez que nós saibamos qual é a "Causa", destruindo-a termina a doença, perturbação, perseguição, etc., isto é, termina o efeito.

Portanto, a primeira coisa que o médium ou curador deve procurar saber é qual é a Causa que produz a doença ou atuação, perturbação, etc. Pois se a pessoa está carregada, atuada e perturbada, é suficiente destruir a "Causa" para que os espíritos por si mesmos se afastem.

Como dissemos, é de grande importância para qualquer tratamento o saber qual é a Causa que produz o Efeito; e sôbre êste ponto, é vantajoso para os médiuns e curadores conhecer também "Psicanálise", pelo menos algumas noções.

Vamos agora dar alguns exemplos para melhor compreensão do que foi dito:

Um homem está carregado e perturbado pelos espíritos; qual é a Causa da perturbação e perseguição dos espíritos?

Verificamos que o dito homem sofre do fígado; e que a doença do fígado torna a pessoa melancólica, triste e pessimista; e com maus pensamentos a pessoa atrai os espíritos correspondentes; e que a Causa da doença do fígado é que o dito homem bebe cachaça.

Num caso dêstes, a primeira coisa a fazer é

impedir que o dito homem beba; segundo, dar um medicamento para o fígado; terceiro, descarregá-lo. Pois não adianta descarregar a pessoa sem primeiramente destruir a Causa que produz o Efeito.

Uma mulher doente é perturbada pelos espíritos; qual é a Causa?

Descobrimos que a dita mulher tem em si um grande ódio (complexo de ódio), pois deseja todos os males a uma sua irmã carnal. Neste caso, a primeira coisa a fazer é destruir o ódio que ela tem em si; doutrinando-a e fazendo com que ela faça as pazes com a sua irmã, de inimiga se torne amiga.

Um homem de má moral e comportamento?

Antes de tudo é fazer com que êle abandone os vícios e defeitos e siga o caminho do bem.

Uma mulher casada que anda doente, perturbada, levando só a brigar com o marido; qual é a Causa?

Descobrimos que a dita mulher não quer ter filhos e provoca abortos; portanto, enquanto ela não se corrigir e deixar de cometer êsse grande pecado, pois está impedindo a encarnação dos espíritos e de êles cumprirem a sua missão na terra, a dita mulher tem que andar perturbada e sofrer bastante, até o dia em que ela se corrigir.

Um egoísta, avarento e ambicioso, cheio de dinheiro, mas que anda doente e não consegue melhoras; qual é a Causa da doença?

Concluímos que o dito homem rico anda fora da lei Divina; e o melhor meio do médium o curar, já que êle é ambicioso, é fazer com que êle ambicione o reino do céu.

Um homem ou uma mulher com a moral abatida, desnorteado, por ter tido um desgôsto ou perdido os seus haveres, desanimado e com idéias más?

A primeira coisa a fazer é, com boas palavras animadoras, levantar-lhe a moral, dando-lhe fé e esperança, dêle poder vencer e sair da situação que se encontra. Pois não é só de pão para a bôca que vive o homem.

E podeis ficar cientes, ó espíritas, que a maior caridade que se pode fazer é, quando vemos uma uma pessoa com a moral abatida, desanimada, desnorteada e perturbada, nós nos chegarmos a ela e com boas palavras lhe levantarmos a moral e lhe darmos um rumo na sua vida.

Pois dando esperança, fé, coragem e estímulo, salvamos o homem; mas tirando-lhe o estímulo, a esperança e a fé, nós o matamos.

Tudo o que nos é agradável e nos dá prazer, nos faz bem e fortifica; mas tudo que nos desagrada e aborrece, nos faz mal, prejudica e enfraquece.

Agora tratemos do segundo fator:

A tua fé é que te salva, disse Jesus. Quando o doente tem fé no médico, metade da cura está feita, disse um sábio.

Isto quer dizer, se o doente tem fé no médium e no tratamento, fica curado; quando não seja logo, é uma questão de tempo: pois a persistência e a continuação levam ao êxito.

Mas, se o doente não tem fé, devemos desistir de o tratar (pois todo o esfôrço será inútil) aconselhando o doente que procure outro tratamento que lhe mereça fé, confiança.

Quanto ao tratamento pela fé (ou sugestão), temos que agir de acôrdo com a crença, fé, convicção, cultura e inteligência do doente, pois um processo que serve para um doente, já não serve para outro; isto quer dizer que devemos primeiramente estudar a terra para depois semear a semente apropriada.

O terceiro fator (o merecimento), é baseado na lei de Causa e Efeito.

Por exemplo: Uma pessoa faz um mal a um homem solteiro; pelo mal que fêz ao dito homem solteiro, a pessoa tem que sofrer as conseqüências; mas se a pessoa que fêz o mal, tempos depois, faz um bem maior, a um homem casado e pai de filhos, do que o mal que fêz ao solteiro, neste caso, a dita pessoa se remiu e livrou do sofrimento do mal que fêz, e ainda com saldo a seu favor.

Eis o caso de algumas pessoas usurárias e egoístas que depois de se apegar com todos os santos e andar por todos os centros espíritas e nada conseguir, e só depois de quebrar o seu egoísmo, isto é, "acertar de fazer um benefício a um pobre", logo em seguida ficar bom de saúde e conseguir o que desejam.

Nós já temos lançado mão dêste processo, isto é, fazendo com que o doente ou perturbado, faça um benefício a um pobre, para poder ficar livre da doença ou perturbação.

Em um terreiro da Umbanda um homem, há mais de 8 meses que se tratava com um bom médium sem conseguir melhoras da sua saúde e da sua vida.

Um dia aconteceu que êsse homem se lastimou conosco; demos-lhe o conselho seguinte:

Você para poder ser beneficiado tem que fazer um benefício a um pobre; portanto, o médium que trata de você é pobre, pois é um simples operário com mulher e filhos, lutando para poder cumprir o seu dever. Você trate de saber a sua residência, e em seguida vá ao armazém e faça um sortimento e mande-o para êle comer com sua mulher e filhos. E se eu lhe disse melhor êle o fêz.

E pois crer que dentro de um mês, o dito homem estava bom de saúde, foi promovido no seu emprêgo e conseguiu a paz no seu lar.

Tratemos agora do quarto fator:

Imaginemos uma esfera de vida, um ponto central de emissão e duas fôrças contrárias, atrativa e repulsiva, que procedem dêle.

As duas fôrças agem ao mesmo tempo simultâneamente sôbre os corpos contidos na esfera, os quais lhes servem de ponto de aplicação numa medida relativa à massa dos corpos e ao seu afastamento do ponto central.

A atração e a repulsão, agindo de acôrdo com uma medida proporcional, produzem o equilíbrio e a harmonia.

Se, por uma causa qualquer, uma destas duas fôrças vem a dominar num corpo, com prejuízo da outra, o equilíbrio é desfeito. Se a fôrça dominante é a repulsiva, sucederá que o corpo, cedendo cada vez mais à fôrça dominante, se dirigirá para os limites da esfera e, pela repercussão, poderá ser causa de profundas perturbações em todo o sistema.

Pelo o que acima foi exposto podemos concluir que a vida equilibrada e a boa saúde, está no choque e ação de duas fôrças opostas equivalentes.

Portanto, a sabedoria e a ciência, de todo o iniciado, está em saber fazer o equilíbrio dos opostos e a harmonia dos contrários.

Isto quer dizer que o iniciado tem que saber qual é das duas fôrças opostas que está enfraquecida; para em seguida a fortificar até o ponto necessário em que ela se torne, em potencial, equivalente à outra, e assim, restabelecer o equilíbrio no corpo e a saúde no doente.

Para melhor compreensão citemos a história de mestre Manuel que vivia com duas mulheres, uma branca e outra preta; ou seja, a branca Maria, corresponde ao superconsciente, ou Eu superior; o Manuel, ao consciente, ou livre arbítrio; a preta Joana, ao subconsciente, ou Eu inferior.

Um dia o Manuel teve conhecimento da fôrça das mulheres, e sabendo aplicar, e se utilizar das leis e fôrças, resolveu ser curandeiro; e aplicava nos seus doentes o método seguinte:

Se um doente sofria de raiva, ódio, cólera, etc., êle introduzia no corpo do dito doente a branca Maria, e ela com a sua calma, paz e brandura curava a enfermidade; mas se o seu doente sofria de indolência, falta de vigor, de vitalidade, desânimo, tristeza, etc., êle metia no corpo do enfêrmo a preta Joana, e ela com o seu vigor, vitalidade, energia e alegria, curava o dito enfêrmo, dando-lhe vigor, vitalidade, alegria, atividade e até o fazia remoçar.

E com êste método o mestre Manuel fazia curas maravilhosas, até que um dia os invejosos e as más línguas principiaram a chamá-lo de explorador pelo motivo de êle tratar de graça os pobres, mas cobrar dinheiro aos ricos; pois o mestre Manuel entendia que quem tem dinheiro para jogar, luxar, beber, farras, etc., é justo que pague o salário do trabalhador; pois, assim diz o Cristianismo.

E com isto mestre Manuel ficou desgostoso, pois êle estava praticando a arte "magna" e o estavam tachando de explorador; e a vista disto resolveu ser negociante, pois como negociante êle podia explorar à vontade e até roubar, e seria sempre um homem de bem e honrado.

Em seguida o Manuel montou uma casa comercial e como a Maria era possuidora de grande inteligência e sabedoria, êle lhe deu a chefia da contabilidade; e como a Joana era manhosa, astuciosa e valente, êle lhe entregou a chefia do armazém; e o Manuel deixava as duas mulheres agir nas suas chefias e atributos; êle apenas administrava; como a Maria era mulher de juízo, inteligente e sábia, êle pedia e aceitava os seus conselhos; quanto à Joana que era uma grande trabalhadora mas um pouco maluca, êle lhe dava orientação e ordens para ela agir, cumprir, fazer.

O Manuel negociava com os grandes e pequenos; isto é, tinha negociações com os chefes de Estado, ministros, diplomatas, etc., mas também negociava com a gente do cais do pôrto e das favelas; de modo, quando êle tinha que resolver um negócio ou assunto com os ministros, diplomatas, etc., era

a Maria que o resolvia com a sua sabedoria, diplomacia e raminho de oliveira na mão; mas quando tinha que resolver um negócio ou assunto com o pessoal do cais do pôrto ou das favelas, era a Joana que o ia resolver com a sua astúcia, manha, valentia, e com o seu cacête na mão; pois, quando ela não resolvesse o assunto com a sua astúcia ou manha, o resolvia com a sua valentia.

Isto quer dizer, que assim como o mestre Manuel curava os doentes e resolvia todos os negócios e assuntos aplicando e utilizando-se da Maria e da Joana, assim também o médium umbandista pode curar os doentes e resolver os negócios e todos os assuntos utilizando e aplicando o seu Caboclo e o seu Exu. (*)

Fazemos ciente que todo o médium que tem um bom guia, já faz o que acabamos de expor, pois o dito guia, como espírito superior, tem os devidos conhecimentos e sabe bem aplicar e utilizar as leis e fôrças, como já temos assistido a alguns casos dêstes praticados por alguns médiuns e chefes de terreiro, em que o Caboclo se afasta e dá passagem ao Exu, para que êle faça o trabalho que lhe corresponde.

Quanto aos meios, processos, remédios, etc., variam; isto é, conforme as doenças, os casos e assuntos, etc. Devemos também ter em conta a lei da polaridade, pois em certos casos um médium ou magnetizador do sexo masculino atua melhor e com

(*) Na atual Umbanda, todo o médium tem um espírito familiar superior ou caboclo; mas também tem um oposto ou exu familiar.

muito mais eficiência sôbre os doentes do sexo feminino, ou vice-versa, do que com os doentes do mesmo sexo.

E terminando êste capítulo, damos duas fórmulas, dependendo o bom êxito da fé e merecimento das pessoas que as utilizar.

Para a cura de doenças fazei o seguinte:

Ao meio-dia ficai com um copo com água na mão, com a frente para o Oriente, fazei uma prece a Deus Todo Poderoso, pedindo para que a água seja consagrada e medicamentada e a doença seja afastada, e em seguida cantai êste ponto:

Médico dos médicos,
E' Nosso Senhor,
Que cura todo o mal
E dá fim a tôda a dor.

E terminando dizei: Pai Todo Poderoso, vós sois o Poder Supremo, o Remédio dos remédios; portanto, com a vossa graça e bondade eu fico curado da minha enfermidade e livre de todo o mal. Assim seja. Esta fórmula deve ser repetida diàriamente, tomando a água três vêzes por dia.

Agora, para todos os que lutam, que sofrem de desânimo e tristeza, que têm desgostos e amarguras nos seus corações, a êsses, aconselhamos o seguinte:

De manhã e à noite, depois de fazer a vossa prece a Deus Pai e a Virgem Maria, cantai o ponto seguinte:

Eu tenho, eu tenho alegria,
Na mesa de Umbanda,
E da Virgem Maria.

Depois de cantar repetidas vêzes o dito ponto, fazei a afirmação seguinte, dizendo com convicção: Com a graça de Deus e da Virgem Maria tenho paz, saúde, prosperidade e alegria.

E' o que nós desejamos a todos os leitores dêste livro e a tôda a humanidade.

CAPÍTULO VII

A INICIAÇÃO

Tôdas as iniciações têm por base e fim abreviar a evolução do homem, isto é, conseguir em uma só encarnação o que pela ordem natural seria preciso diversas.

Neste trabalho que apresentamos fazemos resumidamente uma comparação da antiga iniciação nagô com as antigas iniciações Egípcia e Cristã, tentando mostrar a afinidade e semelhança que há entre elas.

No antigo Egito, pela iniciação criava-se no homem o Osiris.

No Cristianismo primitivo, que também era iniciático, procurava-se criar no homem o Cristo.

No antigo culto Nagô, procurava-se criar no homem o Orixá. Pois ainda em alguns terreiros, que conservam a tradição (como na Bahia), procura-se fazer o Santo.

Comparando estas três iniciações, podemos concluir que pode haver diferença de métodos, sistemas e rituais, porém a base e o fim é o mesmo, isto é, transmutar o homem terrestre e animal em ser espiritual e templo de Deus.

E êsse Osiris, Cristo, Orixá ou Santo, que se manifesta nesse homem templo, é o seu própro Eu, Espírito ou Centelha Divina.

Portanto, o fazer verdadeiros babalaôs é fazer o aperfeiçoamento e a evolução de tais homens, é fazer habitações para espíritos superiores.

Eis a resposta que deu um babalaô a um jornalista que em dia de sessão no seu terreiro se dirigiu ao dito babalaô pelo seu nome pessoal: "Eu neste recinto e com êstes trajes, não sou Fulano, sou Templo, pois o Santo habita em mim".

Pelo que foi dito acima podemos concluir que êsse babalaô não era mais um homem comum, pois não existia mais nêle a personalidade humana, mas sim a Divina Individualidade.

Uma vez que o niciado egipciano consiga criar o seu Osiris, o cristão o seu Cristo, o nagô o seu Orixá, está terminado o ciclo de reencarnações no nosso mundo físico, pois quando se der morte do seu corpo carnal não reencarnará mais, pois êle conseguiu realizar o que em ocultismo se chama a Grande Obra.

Quanto aos métodos, processos, rituais e sistemas de iniciação, além do fim ser o mesmo, variam e diferem de escola para escola e de povo para povo, pois o método e sistema Oriental difere do Ocidental.

Os antigos mestres não lançavam a semente na terra sem ela estar primeiramente preparada para a dita semente receber; isto quer dizer que êles não iniciavam o homem que não estivesse primeiramente preparado fisicamente, moralmente e espiritualmente, em condições de receber a luz iniciática; o

grande mestre Jesus, isto confirmou, na parábola ao semeador, quando respondeu: "nem todos estão em condições de penetrar nos mistérios do reino do céu".

Portanto, os antigos mestres não eram egoístas, como muitos materialistas e muitos modernos espiritualistas e espíritas dizem; mas sim, prudentes e sábios, pois só abriam as portas dos templos iniciáticos aos candidatos de boa moral, fortes e bons; e assim mesmo, só eram admitidos como neófitos, depois de terem passado e dado provas de coragem, bondade, caridade, domínio sôbre si mesmo, etc.

Pelo o que acima foi exposto podemos concluir que não é qualquer pessoa que está preparada e em condições de receber a luz iniciática e penetrar no reino do céu, como disse Jesus.

Como já dissemos, sendo o culto nagô o que mais em afinidade e semelhança está com o antigo ocultismo e com o cristianismo primitivo, que também era iniciático, podemos concluir que também não é qualquer pessoa que está preparada e em condições de ser iniciada; principalmente nos graus superiores, apesar de só existir no Brasil a iniciação no primeiro grau.

E a prova do que acabamos de dizer é que alguns depois de terem sido iniciado no culto nagô na Bahia (como Martiniano do Bonfim) foram completar a sua iniciação nos graus superiores na África.

Eis o que diz Nina Rodrigues em sua obra "Os Africanos no Brasil", páginas 371, 372 e 373:

"Entre os Gêges e Ewes, pelo menos no Daho-

mey e Pôrto Seguro, o rei é considerado o chefe dos sacerdotes. Apenas, em ocasiões extraordinárias, os convoca em assembléias ou concílios".

Mas esta fusão da religião com a realeza não é absoluta.

Entre os nagôs, a sociedade secreta, — Oshogb ou Ogboni, — espécie de maçonaria africana, — é que assume a direção suprema do culto. Muito ampla é, de fato, a alçada da jurisdição desta associação secreta que funciona sob a proteção ou invocação de Odudua, contando lojas ou confrarias filiais em tôdas as cidades e vilas, possuindo sinais, passes e senhas próprias e exercendo grande influência na direção ou govêrno dos estados nagôs. O sigilo é guardado sob pena de morte, que se executa com requintada crueldade.

O Alafin de Jorubá é o chefe de todos os Ogbonis que nos diferentes países são dirgidos pelos Ekejis-Orixás, ou chefes dos sacerdotes.

No Brasil, o culto gêge-iorubano não conserva, não possui esta organização superior do sacerdócio; os terreiros ou igrejas não guardam uma subordinação hierárquica, trabalhando por conta própria e em completa independência."

E mais adiante diz: "O sacerdócio iorubano ou nagô, na Costa dos Escravos compreende três ordens principais com múltiplas subdivisões. A primeira ordem abrange:

1.º — Os babalaôs ou sacerdotes de Ifá;

2.º — Os sacerdotes de Aroi e Ochanin, deuses da medicina;

3.º — Os sacerdotes de Obatalá e Odudua.

Todos trajam vestes brancas: os primeiros têm como distintivo uma cauda de vaca; os últimos, braceletes e voltas de contas brancas.

A segunda ordem compreende: 1.º, os sacerdotes de Xangô; 2.º, os sacerdotes dos outros ôrixás. Vestem vermelho e branco e cada orixá se distingue pelos braceletes e voltas espciais de contas ou de metal: Ogun, bracelete de ferro; Iêmanjá, de contas transparentes; Oxun, amarelas; Ifá, verdes e amarelas; Oxun-marê, vermelhas, etc.

A terceira ordem compreende: 1.º, os sacerdotes de Okô, deus da agricultura; 2.º, os dos semideuses, como Huisi. Distinguem-se por um pequeno sinal branco, pintado a giz, que trazem na fronte.

Na Bahia, pelo menos atualmente, não existem estas especializações sacerdotais. Cada pai ou mãe de terreiro dirige o culto de todos os orixás. Mas, nas grandes solenidades, e sempre que a coisa é possível, êles se associam a outros chefes ou colegas e então a cada qual cabe a direção do culto do orixá a que é especialmente devoto. Em particular para as funções de babalaô é que se requerem entre nós sacerdotes ou pais de terreiros especiais. E quando há recursos para isso, êles são mandados vir de grandes distâncias, às vêzes em penosas viagens para os velhinhos.

O corpo de sacerdotisas muito se aproxima, porém, do que êle é na África. A denominação, geralmente adotada na Bahia, "de pai ou mãe de santo ou de terreiro", é tomada à língua gêge. "Mãe de santo" é a tradução literal de Vodu-no, nome dado às sacerdotizas gêges do culto Danhgbi (Vodu, orixá

ou santo e não mãe. Por extensão vieram as denominações mãe-de-terreiro, pai-de-santo ou de terreiro. No entanto, entre nós as sacerdotisas não são chamadas, como no Dahomey, mulheres ou espôsas de santo, mas sim, filhas de santo."

Fazemos ciente que nos antigos templos do Egito e da Grécia, havia iniciação própria para homens e iniciação própria para mulheres; isto é, positiva, ativa para homens (magistas, sacerdotes, etc.); passiva e receptiva para mulheres (médiuns, sonâmbulas, dançarinas, cantoras, auxiliares dos homens, magistas, sacerdotes, etc.); eis o motivo por que no culto nagô, principalmente na Bahia, os médiuns de encorporização são todos do sexo feminino, assim como os Ogãs, são todos do sexo masculino.

Vamos citar agora alguma coisa do que diz Edison Carneiro na sua importante obra "Candomblés da Bahia", sôbre a organização, ritual e iniciação no culto gêge-nagô na Bahia:

Na página 3 diz: "A liturgia nagô serve de padrão e modêlo para as festas de todos os candomblés, com pequenas alterações que não modificam essencialmente a sua fisionomia. O tempo de iniciação entre os nagôs e os gêges de cêrca de um ano, vai-se reduzindo com os Angolas e os Congos, até ficar em apenas 17 dias entre os caboclos, ou mesmo zero, em certos casos. Se as filhas nagôs e gêges se dedicam, por tôda a vida, a um único orixá, os Angolas e os Congos, e especialmente os caboclos, podem receber em si dois, três ou mais encantados, etc.".

Na página 83 diz: "A exigência antiga de sete anos pelo menos, de iniciação, para poder ter sôbre os ombros a tarefa de dirigir um candomblé, já hoje decaiu de importância nos candomblés não nagôs. Com efeito, Zé Pequeno, Germina, Idalice, outros pais e mães nunca passaram pelo processo de fazer o santo: "Ninguém lhes pôs a mão na cabeça". Para êstes casos se criou uma tapeação — os interessados afirmam que os seus respectivos orixás foram feitos em pé, ou seja, eram tão evidentes e tão poderosos que dispensaram a intervenção de terceiros. Daí o vasto número de pais e mães improvisados que tanto têm comprometido a pureza e a sinceridade dos candomblés".

Nas páginas 73 e 74: "Os negros imaginam que tôdas as pessoas têm um espírito protetor — também chamado anjo-da-guarda, devido a influência do catolicismo, — que deve necessàriamente, ser um dos orixás, em qualquer das suas formas". E mais adiante diz:

"O anjo-da-guarda pode se manifestar em qualquer época, seja na vida intra-uterina, seja depois, na juventude, na mocidade ou na velhice, mas, depois de manifestado, exige certas satisfações, a que não se pode fugir sem grande risco. Em geral a manifestação do anjo-da-guarda não deixa dúvidas sôbre a individualidade do orixá. E em caso de dúvida, sempre se pode recorrer à mãe-de-santo ou ao éluô, que, por um processo adivinhatório especial, imediatamente o identifica.

O orixá protetor, embora se chame Ogun, Xangô ou Oxalá, tem sempre caráter pessoal, — o Xan-

gô de A diferirá do de B, como o Ogun de C diferirá do de D. São tôdas manifestações diferente do mesmo orixá, que se multiplica ao infinito a fim de atender a todos os seus devotos.

O ôrixá escolhe, entre os mortais, os seus cavalos, os intermediários através de quem se comunicará com os homens. Só a morte libera o cavalo da submissão ao orixá.

Nestas condições, faz-se necessário prepará-lo para receber a presença do deus. Esta é a tarefa dos chefes de candomblés. Ora, como tôdas as pessoas têm anjo-da-guarda, têm, portanto, um santo em potencial. O chefe do candomblé precisa fazer ou assentar o santo, pôr o devoto em condições de servir de bom veículo ao orixá.

Nasce, aqui, o processo chamado feitura do Santo, sob a alta direção da mãe, ou chefe do candomblé."

E mais adiante diz: "Só depois de sete anos de iniciada (feita), a filha passa a ébômin. Só então, ao menos nos candomblés que ainda conservam a antiga tradição africana, pode ocupar todos os cargos importantes do candomblé, desde o de auxiliar imediata da mãe (mãe-pequena) até o de chefe do candomblé (mãe). E' costume ao atingir a posição de ébômin, que a filha pague uma festa pública comemorativa dêste acontecimento, com o sacrifício de bichos de pena e de animais quadrúpedes.

Em geral, para chegar a uma posição relevante no candomblé, a antiguidade da iniciação é um requisito essencial.

As mães dos candomblés nagôs e gêges são, em

geral, mulheres velhas, respeitáveis, que cumpriram tôdas as suas obrigações como filhas durante várias dezenas de anos. A velha Flaviana, ao morrer, estava perto dos 90; Aninha, aos 70 anos, tinha apenas cêrca de 20 anos como mãe. Menininha mãe do Cantois, deve estar pelos 50 anos e, embora respeitada universalmente na Bahia, os velhos dos candomblés a consideram ainda "muito moça" para o cargo que ocupa. Nascidas e criadas no ambiente do candomblé, conhecendo profundamente todos os seus segredos, as mães nagôs e gêges possuem uma consciência de si mesmas que já se tornou um dado primário da observação."

Na página 101 diz: "Antigamente, fora do candomblé, havia o babalaô, — um sacerdote dedicado ao culto do deus da adivinhação, Ifá (nagô) ou Fá (gêge), representado pelo fruto do dendêzeiro.

As mães sempre buscavam o conselhos dos babalaôs, para confirmar o ôrixá protetor desta ou daquela iniciada, às vésperas de festas públicas ou em seguida a calamidades que porventura desabassem sôbre a casa. Aos babalaôs cabia olhar o futuro, marcar uma regra de conduta para as comunidades religiosas, etc."

Nota: — Isto quer dizer que os babalaôs são espiritualmente superiores, em grau, às mães, pais, chefes dos candomblés.

Pelo que diz Edison Carneiro na sua obra, podemos concluir que apesar do culto nagô na Bahia já estar bastante deturpado e adulterado, assim mesmo não é fácil ser cavalo de santo; e mais difícil é ser chefe de candomblé, e ainda muito mais difícil é ser babalaô, pois para ser chefe de candomblé é preciso no mínimo 7 anos, para se fazer um verdadeiro babalaô são necessários no mínimo 9 anos.

Vamos dar, agora, alguma coisa sôbre o primeiro grau da iniciação, no culto nagô, que ainda atualmente é dada na Bahia.

Como já dissemos, há iniciações positivas e ativas próprias para homens (é o caso dos Ogãs), e iniciações passivas e receptivas próprias para mulheres (é o caso das filhas de santo); e também, há a iniciação parcial de "dar comida à cabeça", própria para as pessoas que por fraqueza, ou outro motivo qualquer não possam arcar com a responsabilidade, rigor, e cumprir com os preceitos, obrigações exigidas na iniciação completa. Damos a seguir:

Primeiro: — A iniciação parcial, "dar comida à cabeça", tanto para os homens como para as mulheres.

Segundo: — A iniciação para mulheres, isto é, fazer cavalos de santo.

Terceiro: — A iniciação para homens, isto é, fazer Ogãs.

Segundo Manuel Querino, a iniciação parcial é a seguinte:

DAR COMIDA À CABEÇA

Antes de tudo, invoca-se o santo da pessoa para designar quem deva encarregar-se dessa função; pois nem todos têm permissão de deitar a mão na cabeça de outrem. Há pessoas privilegiadas para êsse exercício, contanto que se mostrem entendidas, estejam de espírito limpo e prèviamente tenham sido indicadas pelo adivinhador.

Por processos diversos pode-se levar a efeito esta cerimônia com o emprêgo do oubi e água fria

captada no mesmo dia. Na ocasião aprazada, estende-se no chão uma esteira, que é forrada de roupas brancas. A pessoa que vai dar comida à cabeça, depois de uma ablução geral, veste-se de branco, trazendo nos ombros uma toalha ou lençol.

De pés descalços, senta-se na cadeira, tendo as costas voltadas para a rua. Em seguida, sôbre uma mesa, coloca-se uma quartinha com água, um copo, um prato com oubis. Aproxima-se então o executor da cerimônia, homem ou mulher, umedece os dedos da mão direita na água da quartinha, bate três vêzes na mão esquerda fechada e diz: Ouri-apêrê — isto é, "a cabeça da iniciante ajude a todos" — e descansa a mão direita na cabeça da iniciante, o que equivale a invocar o anjo da guarda.

Depois, o oficiante eleva o prato dos oubis à altura da fronte, num gesto de oferenda, profere algumas palavras no sentido de ser satisfeito o pedido.

Parte um oubi, fechado nas mãos, faz uma invocação e ato contínuo atira-o ao chão. Em conformidade com a posição que tomam os fragmentos do fruto, dá-se a interpretação do pedido, podendo também significar uma circunstância alheia ao ato.

Por exemplo: Caindo três fragmentos do oubi voltados para cima e um para baixo, não está bem encaminhado o negócio.

Recomeça-se a operação: se caírem dois fragmentos voltados para cima, e outros tantos para baixo ou todos quatro para cima, é sinal certo de que a oferta foi bem recebida. Para esta cerimônia só se empregam oubis de quatro olhos, pois os de cinco ou seis, não produzem o efeito que se pretende.

O executor da cerimônia tritura, em seguida, na bôca, um pedaço de oubi; segura a cabeça da iniciante com ambas as mãos, aconchega-a aos lábios, faz o pedido e expele os fragmentos do fruto.

Depois, come parte do oubi, bebe um pouco d'água e divide o restante com as pessoas presentes. Ato contínuo, apresenta-se uma mulher, que faz entrega de algumas aves, como sejam: pombos, galinhas, ditas de angola, e um cata-sol ou caramujo, recebendo a espórtula dêsse serviço. Nessa ocasião o mestre da cerimônia canta uns salmos especiais, toca as aves no corpo dos assistentes, e, depois faz o mesmo à pessoa que dá comida à cabeça, a qual então, diz em segrêdo, ao ouvido de uma das aves, o que pretende. Isto feito, as entrega para o sacrifício, à exceção do cata-sol que, depois de partido, é colocado à cabeça da iniciante.

Os assistentes molham os dedos na água da quartinha e passam na cabeça.

Concluída a matança das aves, catam-se-lhes as penas mais finas e delicadas e as colocam úmidas do sangue do sacrifício, na fronte da iniciante. Parte-se novamente um oubi, a fim de verificar-se a aceitação do sacrifício; e, diante do resultado positivo, preparam-se as comidas, enquanto o celebrante fora do lugar, chama três vêzes pela iniciada, a qual no último chamamento é que responde, levantando-se imediatamente.

Preparada a comida, a que se ajuntam acaçás, angu de inhame com azeite de dendê, acarajés e efó, retira-se a comida da cabeça em primeiro lugar, e coloca-se em vaso especial.

Em seguida, a parte pertencente a quem está dando comida à cabeça, sendo a parte restante distribuída entre os assistentes. Das bebidas alcoólicas só o vinho é permitido.

Terminada a refeição, cantam, dançam em regozijo do bom acolhimento que obtiveram, por parte do santo ou espírito protetor, e dá-se por terminada a cerimônia. Conforme a resposta obtida, ao partir-se de novo o oubi, a pessoa que deu comida à cabeça pode sair à rua no dia imediato ou não; na hipótese desfavorável, lhe é vedada a saída de casa durante três dias, e à noite durante oito dias.

Acabamos de expor, a iniciação parcial, ou dar comida à cabeça.

Citamos agora, a iniciação para mulheres, ou fazer o santo:

Donald Pierson na sua obra diz o seguinte:

"Depois da primeira "visitação" de um Orixá ao corpo de uma pessoa, é preciso que ela se submeta a um dos dois rituais da iniciação. Pode escolher a iniciação completa para "fazer santo", ou a iniciação parcial de "dar comida à cabeça".

Se, como a maior parte, ela escolher o primeiro, é preciso que faça a oferta inicial de alimento a Exu, depois do que obtém-se um fetiche, preparado pelo pai de santo que o lava e imerge no azeite de dendê, mel ou acaçá, conforme o orixá, sendo todo o ritual acompanhado de invocações especiais.

A inicianda ou yauô, como agora é chamada, entrega tôdas as suas vestes que nunca mais serão usadas, como símbolo da nova vida que ela vai adotar e submete-se a um banho ritual, ao anoitecer,

com água perfumada pelas ervas sagradas de aroma penetrante. A yauô é então recebida no peji pelos dignatários do culto, e sentada em uma cadeira ainda não usada, enquanto que os orixás "tomam parte" em um sacrifício especial que lhes é oferecido. Seu cabelo é então cortado e sua cabeça raspada.

Pontos e círculos brancos são pintados no crânio, na testa e nas faces. A inicianda toma então um ofi em sua mão, os atabaques começam a soar uma invocação a seu orixá e ela executa uma dança sagrada especial até que o orixá "chega à sua cabeça" e que ela experimente uma vez mais o estado de santo. A yauô, é então escoltada do pegi para a camarinha onde permanece durante dezesseis dias antes de participar em sua primeira cerimônia pública, depois da qual ela volta para a camarinha por um período que vai de seis meses a um ano, a fim de aprender os vários rituais do culto, os cantos e alguma coisa, pelo menos, de uma língua africana. Entrementes, é submetida a uma alimentação determinada e sofre a restrição de outros tabus."

E mais adiante diz: "Como já notamos, os rituais e as cerimônias do culto são graves, cheias de dignidade e executadas de acôrdo com formas fixas e tradicionais".

Depois de passar na camarinha seis meses, ou mais, isto é, "o tempo que fôr necessário para a sua confirmação", a seguir tem o dia do seu orixá dar o nome.

Afinal, quando a inicianda está em condições de ser confirmada, a mãe escolhe a data para o

ôrunkó — o dia em que o orixá deve dar o nome — uma das cerimônias mais apreciadas do candomblé. O santo de cada filha tem caráter pessoal e, portanto, deve ter um nome especial que o identifique. No dia do ôrunkó, raliza-se uma festa pública, em meio da qual a yauô, dançando por sua vez, possuída pelo seu respectivo ôrixá, grita, entre os aplausos gerais, o nome por que deve ser conhecido o orixá que a possui.

E desde êste momento está confirmada (ou feita) a filha de santo.

Agora temos: A iniciação para homens ou Ogãs.

Segundo Edison Carneiro, é a seguinte:

"Certo dia, a mãe decide levantar ogã do seu candomblé um cavalheiro que conquistou as simpatias gerais da gente da casa, seja pela sua liberalidade, seja pela sua atração pessoal, seja pela posição que desfruta. Em meio de uma cerimônia pública, a filha A, possuída por Xangô, por exemplo, toma pela mão o indicado e o leva até diante do altar de Xangô, onde interroga o orixá, em língua africana, sôbre a conveniência de tomá-lo como seu ogã. Volta depois com êle para o barracão e, enquanto os atabaques se fazem ouvir, festivamente, outros ogãs da casa o carregam e o passeiam carregado em volta da sala, sob os aplausos da assistência. Outras vêzes o orixá escolhe o ogã entregando-lhe as suas insígnias — no nosso caso, o machado de Xangô.

Está levantado o Ogã, que desde então será chamado por êsse título e tratado como tal. Precisa, porém, confirmar a sua indicação. Se tiver sido levan-

tado de Xangô, como no nosso exemplo, deverá passar 17 dias dentro dos muros do candomblé, abstendo-se totalmente de relações sexuais, sem licença de sair. O futuro Ogã deve, nesse intervalo, submeter-se a um processo que varia muito de candomblé para candomblé, mas inclui vastos sacrifícios de animais, banhos de fôlhas, invocações. Depois dêsses 17 dias de retiro terá de passar algum tempo ainda dormindo obrigatòriamente no candomblé, embora possa passar o dia a tratar dos seus afazeres no exterior. Naturalmente, desde então já não precisa obedecer a certos tabus, como, por exemplo, o das relações sexuais. Terminada a sua iniciação como Ogã, resta-lhe, entretanto, dar uma festa — paga do seu próprio bôlso — para o Orixá que o protege. Para isso, deve comprar uma cadeira nova, de braços, de onde assistirá à festa, que realmente redunda em homenagem à sua pessoa. A mãe, paramentada em grande gala, o toma pelo braço, depois de beijar-lhe a mão e abraçá-lo e com êle passeia pelo barracão, sob o ruído ensurdecedor das palmas e dos gritos especiais para o seu Orixá. As filhas cobrem de flôres o novo Ogã e, uma por uma, lhe vêm pedir a bênção, depois de a mãe o haver deixado no seu trono, onde o Ogã recebe, sorridente, todo de branco, a homenagem dos assistentes. Com pequenas variantes, especialmente quanto ao tempo de reclusão e aos animais a sacrificar, êste é o processo de confirmação dos ogãs na Bahia."

Pelo que acima diz Edison Carneiro podemos concluir que a iniciação dos Ogãs na Bahia está muito adulterada e simplificada, pois em todos os

antigos templos iniciáticos, a iniciação dos homens era muito mais grave, rigorosa e severa do que a das mulheres.

Terminamos êste capítulo com um dos processos de iniciação para chefe de terreiro no culto Bantu, pois no dito culto diferem de terreiro para terreiro. E' o seguinte:

Depois do candidato a chefe de terreiro estar completamente desenvolvido como cavalo (médium) e ter cumprido certas obrigações passa pelo ritual chamado o cruzamento.

O CRUZAMENTO

Segundo Waldemar Bento, é o seguinte: No dia do cruzamento do candidato o "Terreiro" assume aspecto festivo. Geralmente êste cerimonial é assistido por todos os filhos e filhas de santo que nêle costumam trabalhar. Tanto os homens como as mulheres cruzadas nas várias linhas de Umbanda participam do cerimonial vestidos com a indumentária simbólica das linhas a que pertencem.

Os filhos de santo ficam enfileirados durante todo o cerimonial à direita, enquanto que as filhas de santo, permanecem à esquerda do "Peji" ou altar, onde em lugar de honra está colocada a imagem ou efígie do Orixá, protetor do Terreiro.

Os "Ogãs" ou assistentes do Babalaô, os "Cambones" (auxiliares dos Guias), ficam no início da cerimônia ao lado do "Peji", até o momento da incorporação dos Guias e Chefes de linha. Frente ao altar assentam-se os músicos, com os seus instru-

mentos que são: tambores, tantãs, maracatus, caxambus, agagôs, ganzás, adjá (campainha especial para reverenciar o "santo"), etc.

Os assistentes são colocados atrás e ladeando o "Peji", em fileiras por detrás dos filhos e filhas de santo.

Quando tôda a assistência está a postos, o Babalaô, cruza o Terreiro, para descarregá-lo de tôda e qualquer má influência, enquanto o Ogã "puxa o ponto cantado de cruzamento" que é êste: "Encruza, encruza na fé de Oxalá, encruza"...

Depois de terminada a cerimônia do cruzamento, que equivale a uma bênção, o Babalaô, pede ao Ogã que "puxe" o ponto para "segurar a gira", cujas palavras são estas:

Tá lá, tá lá, tá no pomba gira,
tá lá, tá lá, para que êle caia,
tá lá, tá lá, tá no pomba gira,
tá lá, tá lá, para que eu caia"...

Agora principia realmente a abertura dos trabalhos e o ponto inicial é o que segue:

"Squindin, Squindin, Squindin
ó ganga!
olha no gongá.
Olha tua terra mungongo,
olha mungongo, o mar...
Minha terra é muito longe,
olha no gongá!
Olha minha terra, mungongo,
olha, mungongo, o mar...

Logo a seguir o Ogã canta êste outro ponto:

"Pomba gerê, ôgi pomba gerá
Pomba gerê, tá tá caruê ó ganga,
Ê, á, pisa no tôco de um galho só,
Ê, á, pisa no tôco de um galho só...

Maribondo pequenino,
que botou fogo lá no caminho, ó ganga,
Ê, á, pisa no tôco de um galho só,
Ê, á, pisa no tôco de um galho só...

Chuva e vento não me molham,
fogo de palha não me queima, ó ganga,
Ê, á, pisa no tôco de um galho só,
Ê, á, pisa no tôco de um galho só...

Êstes três pontos últimos, pertencem à linha de Exu, e devem ser acompanhados em voz alta por tôda a assistência. A cadência é dada pelos músicos, que no toque rítmico dos seus instrumentos, enchem o Terreiro de vibrações uníssonas. Êstes cânticos devem continuar até que se verifique a "incorporação" de um Exu, que baixa sôbre o Babalaô.

Um toque de tambor cadenciado adverte a assistência que Exu se encontra "incorporado", no Terreiro. Êste sinal é imediatamente seguido pelas palmas dos assistentes, as quais entusiàsticamente aclamam a Entidade recém-chegada com uma salva de palmas prolongadas. Ouve-se então a saudação unânime: "Saravá Exu!"

A Entidade da falange de Exu, "salva" a assistência e em seguida "salva" o "Peji", dá as suas or-

dens ao Ogã e aos Cambonos e prepara-se para a retirada. Neste momento, o Ogã entoa o ponto de saída, seguido por tôda a assistência, enquanto a Entidade abandona o Babalaô... O ponto de saída é êste:

Êle vai embora p'ra sua Aruanda,
gingá... gingá, ginguê (côro)
Êle vai embora p'ra sua Aruanda,
gingá... gingá, ginguê (côro)

Apenas o Ogã verificar que a Entidade de Exu abandonou o "médium" e o Terreiro, inicia o canto do ponto de Ogun, que é a segunda Entidade que costuma baixar nos Terreiros. Ei-lo:

Êle é Ogun na coroa
Que veio no caieté
Êle é Ogun na coroa
Que veio no caieté.

CÔRO

Guerreou na sua terra,
cai cangoma...
Guerreou na sua terra,
cai cangoma...

Quando a Entidade da falange de Ogun baixar, os músicos advertem a assistência novamente,

com batidas cadenciadas de tambor que a "incorporação" se verificou. Esta torna a bater palmas e saúda a nova Entidade com a seguinte exclamação: Saravá Ogun lê!

O candidato, que nesta altura encontra-se "jocô" (sentado), ao lado do "peji", já está sentindo tôdas as correntes emanadas pelos "pontos cantados", porém sòmente depois do seu cruzamento ou com ordem do Babalaô, é que êle poderá se incorporar.

Agora é a própria Entidade de Ogun incorporada no Babalaô, que pede ao Ogã para puxar o ponto do anjo de guarda do candidato. O Ogã inicia o ponto, cantado também por tôda a assistência. A Entidade presente no terreiro, chama o candidato, o qual atira-se ao chão, e bate com a testa três vêzes no solo, em atitude de saudação à Entidade presente. Enquanto o candidato está nesta posição a Entidade inicia o seu cruzamento pelas costas. Êste cruzamento consiste no seguinte gesto: O Ogun empunhando uma espada de aço, traça nas costas do candidato uma cruz.

Logo a seguir, a Entidade com a palma da mão esquerda levanta o candidato do solo, e cruza com a espada o corpo do mesmo de baixo para cima. Após êste cruzamento, saúda o recipiendário, batendo sua testa na testa dêste três vêzes. Dá-lhe em seguida um abraço de ombro a ombro, que é a saudação dos Orixás.

Nesta altura a Entidade ordena ao Ogã que cante o ponto do Orixá, a cuja linha pertence o recipiendário. Durante o cântico, o recipiendário é

imediatamente investido por entidades da falange à qual pertence, é "tomado". Depois de "mediunizado" o recipiendário, os filhos e as filhas de santo, podem receber os guias que estiverem ao seu lado durante todo o desenrolar da cerimônia.

E... está iniciada a festa do cerimonial. Durante todo o seu desenrolar, são cantados os pontos de tôdas as linhas, sempre acompanhados pelos músicos, que diminuem ou aumentam a cadência dos pontos, de acôrdo com as ordens do Ogã.

Enquanto o candidato permanecer mediunizado, o Babalaô, que nesta altura deve estar livre de "incorporação", pede licença à Entidade que está sôbre o candidato e entrega ao mesmo as "guias" da Linha, que desta data em diante, constituirão as insígnias assim como um ponto de firmeza para o novo "Filho de Santo", (ou pai de santo).

Como "Filho de Santo" (ou pai de santo), êle poderá a qualquer momento, formar o seu Terreiro.

Uma vez terminada a cerimônia de seu cruzamento, o novo "Filho" (ou pai de santo) está livre dos compromissos do retiro e pode iniciar sua nova vida, que será dedicada ao ritual da linha a que pertence. Pode fundar o seu Terreiro, e nêle iniciar outros candidatos que se apresentarem para o cruzamento.

Acabamos de expor a cerimônia ou ritual, da confirmação de um pai de santo, em alguns terreiros do culto Bantu.

Pembas, Bebidas, Comidas e Côres, correspondentes às linhas no culto Bantu:

LINHAS — PEMBAS	BEBIDAS	COMIDAS
Exu — Vermelha e preta	Cachaça	Cabrito, galo, farofa, etc.
Ogun — Vermelha e branca	Cerveja branca	Galo, carneiro, boi, etc.
Xangô — Branca	Cerveja preta	Carneiro, tartaruga, galo
Oxósse — Verde e branca	Mel, cachaça	Veado, galo, milho
Iemanjá — Azul e branca	V. branco, água	Pato, pombo, ovelha
Oxalá — Amarela e branca	Vinho tinto	Cordeiro, pombo
Omolu — Carvão vegetal	Vinho virgem	Porco, bode, pipoca dendê
Oxun — Azul e amarela	Vinho moscatel	Tainha, cabra, galinha

AS CÔRES

Exu — Vermelho e prêto
Xangô — Branco e marron
Iêmanjá — Branco e celeste
Omolu — Prêto e vermelho
Ogun — Amarelo, azul e vermelho
Oxósse — Azul, verde e vermelho
Oxalá — Branco e amarelo
Oxun — Amarelo e azul

CARACTERÍSTICAS DAS "GUIAS" DE CADA LINHA:

Exu — Contas pretas e uma vermelha
Ogun — Vermelhas, 3 verdes, 3 brancas, 1 azul
Xangô — Escuras e raiadas
Oxósse — Verde com 3 contas e vermelhas
Iêmanjá — Brancas, 3 contas verdes, 3 douradas, 1 azul
Omolu — Vermelhas, 3 contas pretas, 1 verde
Oxalá — Brancas e 3 vermelhas
Iansan — Douradas, branca e azul
Oxun — Azul, rosa e dourada.

Nota: — Como acima expusemos as guias correspondentes a cada linha, fazemos ciente que uma guia, ou um objeto consagrado por um verdadeiro sacerdote, babalaô, ou mestre, sob a influência e ação de um espírito superior ou falange, a dita guia ou objeto recebe uma imantação dos fluidos do espírito ou falange que a consagram. Por-

tanto, a influência e a ação da dita guia depois de consagrada, não é só a auto-sugestão como muitos julgam, mas também, a influência e a ação do espírito ou falange que a consagraram.

Uma pessoa que usa uma guia, talismã ou objeto consagrado, mais fàcilmente se põe em relação, contato e correspondência com o espírito ou falange, que a guia ou talismã consagraram do que sem a guia ou talismã.

Para o ocultismo, um objeto visível é a expressão física de uma verdade invisível. Qualquer objeto é apenas uma idéia manifestada e condensada do Divino que se exprime na matéria física. Assim sendo, a realidade de um objeto não depende da sua forma exterior, mas de sua vida interior, da idéia e da fôrça que o modelou e o amoldou na substância. Portanto, uma "guia ou talismã", é muito mais importante do que muitos julgam.

CAPÍTULO VIII

O CULTO NAGÔ EM CUBA

Já falamos bastante nas páginas anteriores sôbre o culto nagô no Brasil, principalmente na Bahia. Mas, para mais uma vez confirmar, que não é o Brasil o único País da América em que se pratica a Umbanda, damos um resumo do dito culto que ainda atualmente se pratica em Cuba. Pois em Cuba, como na Bahia, a religião predominante veio dos Yorubas ou Nagôs, entidades lá sob denominação de lucumis.

Eis o que diz Arthur Ramos sôbre o culto nagô em Cuba:

"Na teologia dos afro-cubanos Olaruñ é o deus maior, o senhor do céu. Chamam-no também Olodunare (o sempre justo), Ogaogó (glorioso e elevado ser), Olunva (senhor), Obaogó (rei da glória), Obañgidzi (o senhor), Eledá, Elemi, etc. Em Cuba, como no Brasil, Oloruñ não é objeto de culto especial; apenas há a diferença de que, entre nós, êle não possui tantos nomes. E lá há a fazer-se também a observação de que Oloruñ seria a forma primitiva de um monoteísmo negro, o que vem ao encontro de certas teorias recentes dos antropólogos culturais.

Depois de Oloruñ vem a série orishas (de asha, cerimônia religiosa, segundo Bowen). Em Cuba, os orishas se dividem em três categorias. Na primeira há três orishas importantes: Obatalá, Shangô e Ifá. Na segunda, está um grande número de deuses de poderio menor. A terceira categoria compreende os demais fetiches, amuletos, grisgris, etc.

Obatalá, o maior dos orishas, é um deus andrógino, sôbre cujo culto, na África e no Brasil, já nos entendemos no "O Negro Brasileiro". O culto de Obatalá em Cuba chama-se comumente religião Babalá e ainda Batalá ou Batará, evidentemente corrutelas da palavra yoruba Obatalá. O sincretismo religioso operou em Cuba, a sua fusão com a Virgem de las Mercedes, da mesma sorte que no Brasil, a fusão foi com o Senhor do Bonfim, uma e outro os santos de maior devoção, em Cuba e no Brasil, respectivamente. Também em Cuba, o assimilam algumas vêzes ao Santíssimo Sacramento, e com menor freqüência ao Cristo crucificado. O ídolo que representa Obatalá é um tosco boneco de madeira, vestido com roupas femininas, devido ao seu caráter andrógino. Cultuam-no, lá como aqui, às sextas-feiras.

Shangó é o segundo grande orisha, deus dos raios e das guerras. O seu fetiche é um meteorito de ferro, como no Brasil. Sincretismo em Cuba com Santa Bárbara: "Shangó es Santa Bárbara macho", dizem os negros cubanos. A representação de Shangó em Cuba é diferente, no entanto, da do Brasil: boneco de madeira vestido com um lenço branco com franjas vermelhas, adornado de colares da mesma côr e com uma espécie de coroa na cabeça,

provàvelmente por influência da representação católica de Santa Bárbara.

O terceiro dos grandes orishas é Ifá, revelador dos segredos, patrono das relações sexuais e do parto. E' chamado também Bangá ou deus dos frutos de certa palmeira, utilizados para os cultos de adivinhação. Ifá tem um companheiro, Odu e um mensageiro, Opelé.

Os orishas da segunda categoria são numerosos. Iemanyá ou Iemayá é a deusa dos rios e das fontes. Sincretismo com a Virgem de Regla, por ser esta patrona dos marinheiros cubanos, com santuário erguido sôbre a baía de Havana. Oshó-oshi, orisha dos caçadores, e simbolizado por uma figura humana armada de arco e flecha, e às vêzes por um arco distendido sustentando uma flecha, é talvez o mesmo Ochose que os afro-cubanos assimilam a San Alberto. Ogun, deus da guerra, e confundindo às vêzes com Eshu e com Oshúm, é também chamado Osunda; seu sincretismo em Cuba é com São Pedro.

Outros orishas são ainda cultuados em Cuba: Oshúm, também chamado pelos feiticeiros cubanos a Virgem de la Caridad del Cobre; Orúmbila, equiparado a São Francisco; Ololu, assimilado a S. João Batista; Babaju-ayé, identificado a S. Lázaro, e que outro não é mais do que o nosso conhecido Abalu-oiê; Didema, culto de adivinhação, talvez relacionado com Dadá, orisha dos recém-nascidos; Mama Lola (derivado, talvez segundo Ortiz, de amala, que interpreta os sonhos, e ola, honra, majestade), culto semelhante ao de Ifá; Orisha-obá

culto provàvelmente existente outrora em Cuba; Eshu, deus malévolo; Jimaguas ou gêmeos. Êstes dois últimos merecem maiores considerações. Eshu é também chamado Elegbará (poderoso) e Bará. Alguns o conhecem ainda pelos nomes de Ichu, Eleguá ou Aleguá. E' simbolizado por fetiches que consistem em pedaços de ferro, pregos, cadeiras, chaves, etc.

Se o seu sincretismo no Brasil é com o diabo dos católicos, em Cuba é com as "Ánimas benditas del Purgatório" e geralmente com a "Ánima Sola". Êste culto da "Ánima Sola" está muito difundido em Cuba e tem sua expressão concreta numa espécie de imagem que se coloca atrás das portas para impedir a entrada dos gênios maléficos. Outros espíritos perversos são ainda cultuados entre os afro-cubanos, como Bian, demônio que propaga a varíola (Sapanan e Omolu, no Brasil), "Agallu, hembra que es el amo de tôdas las cosas malas"...

Os Jimaguas ou gêmeos são ídolos de grande poder, entre os negros cubanos. São representados por dois bonecos de madeira, às vêzes pintados de prêto e com um vestido de pano vermelho; costumam atá-los com um cordel, para assinalar mais claramente o seu caráter de gêmeos. Os Jimaguas cubanos seriam talvez idênticos aos ibegi baianos, mas ao contrário daqui, que foram assimilados a São Cosme e São Damião, em Cuba, o culto dos gêmeos não sofreu nenhum sincretismo.

Na terceira categoria de orishas, inclui Ortiz um certo número heterogêneo de fetiches, gris-gris, ondés, eka, etc. São fetiches de ferro, objetos

quaisquer que representam os santos ou orishas e mente considerar êstes objetos como orishas yorubas.

O próprio Ortiz reconhece que ao lado da regla de Obatalá (culto yorubano pròpriamente dito) existem outros que têm também o nome de reglas (como o de linhas, no Brasil): regla de Ochá, regla de Mayumbe ou Mayomba, regla de Gangá, regla de Cangos.

Os sacerdotes do culto são, em Cuba, quase sempre homens, ocupando as mulheres uma posição secundária. Os sacerdotes dos cultos afro-cubanos são conhecidos por vários nomes: brujero, babalá, ulúe, mayombero, etc. Babalá é o correspondente do nosso babalaô (Bahia) e babalarixa (Recife), palavra de franca origem yoruba."

Aqui tem o leitor alguma coisa do muito que diz Arthur Ramos na sua importante obra "As Culturas Negras no Novo Mundo", sôbre o culto nagô em Cuba.

Nota: — Pelo que foi dito, no culto nagô praticado em Cuba, além de bastante deturpado, assim mesmo existe: a unidade, Olorun; o ternário, Obatalá, Shangó, Ifá; o setenário formado pelos orishas da segunda categoria, ou seja das reglas (das sete linhas como se diz no Brasil). Pois, a Unidade, o Ternário e o Setenário é a base das principais religiões.

Capítulo IX

O CULTO VODU NO HAITI

De todos os cultos que vieram com os negros africanos para o Brasil, sendo o Nagô o mais adiantado e elevado, absorveu os cultos mais atrasados dos outros negros africanos que para aqui vieram. Por exemplo: Na Bahia, o Nagô (Yoruba) absorveu o Gêge (Ewe), o Kromanti (fanti-has-hanti), o Bantu, etc. Pois atualmente o que existe na Bahia, segundo a opinião de Arthur Ramos, Edison Carneiro e outros, é um culto gêge-nagô, porém, com o predomínio do nagô; isto quer dizer que o nagô absorveu todos os outros cultos de origem africana.

Como atualmente no Brasil não se pratica ao verdadeiro culto Gêge, vamos dar algumas cerimônias do dito culto praticado no Haiti com o nome de Vodu.

Eis como Arthur Ramos as descreve em sua obra:

"O culto vodu no Dahomey obedece a um ritual complexo, bem descrito em monografias como as de Le Herissé e de Herskovits. O grão-sacerdote tem o nome de Voduno e os aprendizes Volu-si. Outras ca-

tegorias sacerdotais: são os Houn-so e os Vodu-legba-nan. O vodu-no habita os lugares sagrados onde se erige o templo vodu. E' êle que conhece os segredos do culto, as preces, as encantações, a medicina mágica. Fora dos templos, êle pode conferir os seus privilégios ao Houn-so, cujo papel consiste em dançar os passos rituais, carregar a vítima votada aos sacrifícios e receber o "santo" ou espírito (daí o nome houn-no, o que trás o espírito). Os vodu-si são aprendizes, instruídos pelo grão-sacerdote e que ficam no templo sagrado durante o tempo da iniciação. Por fim, o Legba-nan é um indivíduo especial que recebe o espírito de Legba. As cerimônias consistem na evocação dos deuses, com preces e ritos especiais, oferendas de bebidas e alimentos, com imolação de animais (um para cada divindade), etc.

A iniciação no voduísmo compreende, segundo Dorsainvil, quatro graus: 1) a lavagem da cabeça; 2) o kanzo; 3) a aquisição do ahwe ou do açou; 4) a aquisição dos olhos.

O primeiro grau é conferido ao fiel quando êle é reclamado pelos vodus: a comparar com a "lavagem de cabeça" dos candomblés baianos. A segunda operação, kanzo, inicia um pouco mais as hounsis nos mistérios do culto, ela é quase sempre feita com mulheres, que se tornam assim "espôsas do vodu" do têrmo dahomeyano asi ou si, espôsa). O terceiro grau, confere ao iniciado o poder de se comunicar com os mortos. Diz-se então que o iniciado aprende a *parler langage*. O quarto e último grau forma o n'gan perfeito, os videntes, os divinô, os que lêem o

passado e adivinham o futuro, como os sacerdotes dahomeyanos de Fu ou Afa, deus das coisas ocultas.

Através dos trabalhos de Le Herissé e Herskovits podemos ver o que são as crenças religiosas dos dahomeyanos. No pantheon africano há um deus principal (sky-God), semelhante ao Olorum dos yorubas, o que chamam Mawu em o seu complemento Lisa, sua mulher em algumas versões, seu filho em outras. Depois vem uma série enorme de deuses secundários: Aido, Hawedo, Gu, Loko, Aizu, Akazu, Adjakapa, Xeboso, etc. Todos êles são vodu (o u é anasalado: vodum), isto é, "santo", "espírito". Há vodus do mar, dos rios, dos montes, do céu e da terra, do raio e da tempestade, etc., enfim uma completa divinização das fôrças naturais como no culto yoruba.

Todos êsses vodus passaram ao Haiti e lá se misturaram a elementos de outros cultos sudaneses e bantus e ao catolicismo popular das massas haitianas. E os espíritos do culto haitiano assim transformados, passaram-se a chamar *lois* (pronúncia: loá) e são tantos quantos os "santos" das tribus africanas de onde provieram.

Segue o culto vodu da serpente Dan:

Os iniciados calçam sandálias e colocam no corpo um certo número de lenços em que a côr vermelha predomina. Há um rei e uma rainha do Vodu (escreve Vaudoux), que preside às cerimônias e são os intérpretes da divindade. O rei Vodu com a frente cingida por um diadema, trás lenços mais belos e em maior quantidade do que os demais adeptos, e um cordão geralmente azul.

A divindade do culto é a cobra sagrada. Os soberanos sentam-se perto do altar onde está a caixa que guarda a serpente. A cerimônia começa pela adoração da cobra, em protestos de juramento secreto, que é a base da associação. Terminado o juramento, começa o rito. Cada iniciado depõe aos pés da divindade as suas oferendas e as suas preces. E' o momento culminante da cerimônia:

"A cada uma destas invocações — escreve Saint-Méry — o Rei Vodu se recolhe, e o Espírito age nêle. De repente toma a caixa onde está a cobra, põe-na no solo e faz subir a Rainha Vodu. Logo que o asilo sagrado se acha sob seus pés, qual nova pitonisa, a rainha torna-se penetrada pelo deus, agita-se, todo o seu corpo fica em estado convulsivo, e o oráculo fala pela sua bôca.

"Ora lisongeia e promete a felicidade, ora prorrompe em exprobações e, ao diapasão de seus desejos, de seu próprio interêsse ou de seus caprichos, dita, como leis sem apêlo, tudo o que lhe apraz prescrever, em nome da cobra, à turba imbecil que não opõe jamais a menor dúvida ao monstruoso absurdo, só fazendo obedecer ao que lhe é despòticamente prescrito.

"Depois que tôdas as questões provocaram uma resposta qualquer do Oráculo, que tem também sua ambigüidade, formam todos em círculo e a cobra é trazida ao seu altar."

Não terminam aí as cerimônias. Seguem-se as danças sagradas de iniciação, de que a curiosa descrição de Moreau de Saint-Méry continua a nos dar uma idéia exata:

"O rei Vodu traça um grande círculo com uma substância que enegrece, aí colocando aquêle que quer ser iniciado e na mão do qual põe um embrulho composto de ervas, de pelos, de pedaços de chifre e outros objetos nauseabundos.

"Batendo-lhe depois levemente na cabeça com uma pequena baqueta de madeira, entoa cântico africano:

> Ehê Eh! Bamba, Hen! Hen!
> Canga Cafio té
> Canga moune délé
> Canga doki la
> Canga li

que repetem em côro aquêles que rodeiam o círculo, enquanto que o recipiendário põe-se a tremer e a dançar, o que se chama manter vaudoux (Comparar com o subir o santo à cabeça, dos candomblés brasileiros. A. R.). Se, por desgraça, o excesso de seu transporte, o faz sair fora do círculo, o canto cessa imediatamente, e o Rei e a Rainha vodu viram as costas para afastar o presságio. O dançarino volta a si, entra na roda, agita-se de novo, bebe e entra enfim em convulsões que o rei vodu manda cessar, batendo-lhe levemente na cabeça com o pauzinho, ou mesmo com nervo de boi, se julga conveniente. E' conduzido ao altar para jurar e desde êste momento pertence à seita.

"O cerimonial está acabado. O Rei põe a mão ou o pé sôbre a caixa onde está a cobra e fica logo comovido. Esta impressão, êle a transmite à Rainha, através dela, a comoção se propaga circularmente, e cada um experimenta movimentos nos quais a parte superior do corpo, a cabeça e as espáduas parecem se deslocar. A rainha principalmente, fica prêsa das mais violentas agitações, e, vai de tempos em tempos procurar um novo "encanto" perto da serpente vodu; agita a sua caixa e os guizos de que é guarnecida, e o delírio vai crescendo.

"Por fim, o cansaço termina com a cerimônia."

Agora vamos dar a descrição de outra cerimônia do culto vodu no Haiti: segundo um testemunho de Antoine Innocent, reproduzido por Prince-Mars:

"Trata-se de um serviço em honra de Legba, o mais obsequioso dos deuses, o bom papa cujo papel benevolente consiste em velar sôbre o bem-estar de seus fiéis, conservando-se por todos os tempos invisível e poderoso no limiar das habitações, nos limites das propriedades, no entrecruzamento dos caminhos, para defender os seus súditos contra a maldade dos maus espíritos.

"E' o que exprime o cântico em seu simbolismo:

> Legba nan hounfort moini
> Nam Guinée perez soleil pou moin
>
> (Legba que eu venero em meu altar,
> Vós que trazeis chapéu, na Guiné,
> Preservai-me do sol.)

"Assim o hougan, (*) tendo agitado o asson, a

(*) Os sacerdotes dos cultos haitianos tomam o nome genérico de hougan ou houngan.

campainha, anunciou que a cerimônia ia começar. E êle invocou a proteção dos deuses pelo murmúrio de uma prece e traçou sinais cabalísticos diante do altar com farinha de milho.

"Implorou especialmente a Legba, em linguagem, que manifestasse sua presença honrando com sua incarnação algum fiel da assistência.

"Bruscamente o deus, exalçando a prece, entrou em possessão de uma crente. Cena usual de crise voluesca. Então o hougan, tomando as galinhas uma a uma — prato usual do serviço — torceu-lhes o pescoço e empilhou-as diante do altar. Sôbre o montículo, traçou o sinal da cruz com farinha de milho, depois do que as mulheres as levaram para a cocção. Nesse momento, deixaram o recinto do Templo para tomarem lugar sob peristilo onde devia se fazer o sacrifício do bode, principal vítima da cerimônia. O animal estava embandado de vermelho. O possuído de Legba cavalgou-o e fêz a volta do local, entregando-o depois ao sacrificador. Êste, então, apresentou ao bode um ramo verde que lhe arrancava da guela três vêzes, logo que o animal começava a comê-lo. Havia soado a hora de despojá-lo de seu vestuário. Ligaram-lhe as patas que, duas a duas, foram confiadas a ajudantes. Êstes baloiçaram em cadência o bode, ao som de uma melopéia. Por fim, a vítima foi depositada no solo, repousando a cabeça sôbre um cêpo. De um só golpe sêco, o sacrificador decepou-a.

"O sangue foi recolhido num recipiente e colocado sôbre o altar onde êle foi servir à preparação de uma bebida especial destinada aos adeptos e com-

posta de milho, de licôr e de álcool. Para acabar a cerimônia, o assistente do hougan serviu aos fiéis o repasto comumente feito de pedaços escolhidos de carnes cozidas e bananas fritas, besuntadas de óleo e de azeitonas.

"Êste rito, que é, na sua essência, o sacrifício voduesco, complica-se de acôrdo com a seita a que obedece: cango, pétro, arada, nagô, etc., amalgamando-se uns aos outros.

"O lois exige sacrifício, "ação de graça" etc., que têm um ritual comum, mas com particularidades, devidas a cada santo, como acontece no culto dos orixás, de Cuba e da Bahia."

E mais adiante diz:

"Há ainda outros cultos ligados ao vodu, como as cerimônias funerárias e o culto dos Zombies descritos por vários autores." Já no Dahomey, o culto dos antepassados era uma instituição que passou ao Haiti. Aos espíritos dos mortos se rendem também "serviços" de que ainda Antoine Innocent nos deu uma descrição reproduzida por Prince-Mars. "Perto do túmulo do morto, o hougan reúne os objetos indispensáveis à cerimônia: três pratos brancos, uma tijela de café, farinha de milho, arroz de leite, fatias de melão, chocolate, bombons, drágeas, acassam, acra, um punhado de milho, pistaches grelhados, frascos de licor.

Tudo isso é depositado em frente à sepultura onde se acendem três velas brancas, em buracos, aí abertos. O hougan, rodeado das hounsis, vestidas de branco, agita seu asson e começa a invocação ao

morto. Começa o bohoun, ou canto fúnebre, entrecortado pelos gritos das hounsis.

O hougan traça, então, cruzes com farinha de milho e deposita nos buracos onde estão as velas, os alimentos do repasto fúnebre. Depois, toma duas galinhas brancas, torce-lhes os pescoços, arranca-lhes as penas e deposita o sangue coagulado nos buracos dos alimentos. Tudo isso vai então ser cozido, para a preparação do "catalou des morts" que será servido, depois de pronto, nos pratos brancos que são enterrados nos buracos.

Há vários tipos de mortos, a que se rende culto, no Haiti. Os espíritos comuns são chamados viens-viens. As almas das crianças sem batismo constituem outra classe de espíritos, chamados lutins, que cavalgam potros selvagens. Os mais interessantes dêsses espíritos, porém, são os zombies, as almas de todos aquêles que foram vendidos pelos feiticeiros, e que baixam à terra até que chegue o tempo de voltarem a Deus.

Os zombies exigem também cultos especiais. Oferendas de repastos fúnebres lhe fazem os negros, "Mangé zombi", como dizem. Observações exageradas relatam casos e mais casos, em que os zombies seguem uma vida paralela à dos vivos, muitas vêzes desfilando em estranhas procissões, com aparência completa de vida.

Estas práticas do culto dos mortos e dos espíritos, das superstições e das crendices já vão se destacando insensìvelmente do corpo de crenças que constituem o vodu-religião. Exatamente como no Brasil e Cuba, elas pertencem às camadas da "mala

vita" haitiana, e são geralmente presididas por uma entidade especial que é bocador, feiticeiro do Haiti.

O bocador é o mago, o bruxo das massas populares negro-haitianas."

As linhas acima foram extraídas da obra de Arthur Ramos, "As Culturas Negras no Novo Mundo".

Nota: — A serpente Dan, corresponde à serpente dos kabalistas, ao grande agente mágico, ao fluido Universal, à Luz astral dos ocultistas, ao Exu impessoal nagô, etc.

Quanto ao culto de Legba, só temos a dizer, que já assistimos no Estado do Rio a cerimônia muito semelhante.

Também temos a dizer que Legba, corresponde ao rei dos espíritos "Exus" nagôs, ao rei dos demônios dos católicos e dos ocultistas, ao maioral ou chefe dos demônios, etc.

Capítulo X

O CULTO KROMANTI FANTI-AS-HANTI

Já dissemos nas páginas anteriores que não é só no Brasil que se pratica a Umbanda, isto é, os cultos de origem africana; que a Umbanda se pratica em todos os Países Americanos que receberam negros africanos.

Também foi dito que alguns cultos que vieram com os negros africanos para o Brasil extinguiram-se; por exemplo: O Culto Kromanti ou Fanti-Ashanti dos negros da Costa do Ouro, extinguiu-se no Brasil; e no entanto o dito culto ainda é praticado na ilha de Jamaica e na Güiana Holandesa, como afirma Arthur Ramos na sua obra "As Culturas Negras no Novo Mundo".

Eis o que diz Arthur Ramos, na sua obra sôbre o culto Kromanti:

"Na ilha de Jamaica, a cultura negra dominante veio dos Coromantis (Coromantyns, Kromantis) da Costa do Ouro. As sobrevivências religiosas, folclóricas e sociais o provam.

Uma passagem de Bryan Edwards, citada por Beckwith refere-se a uma cerimônia funerária dos

Kromantis da Jamaica: "Cada família tem um santo tutelar que se supõe ter sido originalmente um ser humano igual a êles próprios e o primeiro fundador da sua família; no aniversário da sua morte, todos os descendentes se reúnem em tôrno da sua sepultura, e o mais velho, depois de oferecer preces a Accompong, Assarci, Iploa, e sua divindade tutelar, sacrifica um galo ou uma cabra, decepando-lhes o pescoço e derramando o sangue na sepultura. Depois, cada chefe de família sacrifica um galo ou outro animal, de igual modo, e, logo que todos tenham terminado os sacrifícios e oblações os animais sacrificados são preparados e começa o grande festival".

Comenta o professor Herskovits que esta cerimônia pode ser encontrada em qualquer ponto da zona da costa da África ocidental; o "santo tutelar" assemelha-se ao Tohwiyo dahomeyano ou ao fundador do kra-wshing group Ashanti, isto é, pessoas que descendem de linha paterna e unidas por vínculos de natureza espiritual. Accompong não é mais do que o Nyankompang, e Assarci ou Assase, dos povos Ashantis, também encontrados entre os Bush Negroes do Surinan.

Outras divindades negras de Jamaica foram encontrados por Edwards e Miss Beckwith e o paralelo pode ser feito com os demais da Costa do Ouro. Bryand Edwards referiu-se a Obboney, outra divindade negra de Jamaica, e de onde Miss Beckwith vai buscar a origem para o têrmo obia, que hoje é um sinônimo de magia, boa ou má, em tôdas as Antilhas inglêsas e nas Güianas.

Na Jamaica, os negros crêem nos espíritos dos mortos, chamados duppies, que vivem em certas árvores e podem ser invocados, com ritos especiais. Mas é obeah o verdadeiro poder das sombras, a divindade mágica por excelência dos negros da Jamaica. As pesquisas de Edwards sôbre a religião Kromanti haviam separado Accompong, Assarci e Ibboa, deuses do céu, da terra e do mar, de Obboney, uma entidade maléfica, que vive em tôda parte.

De Obboney veio Obeach, que hoje tomou uma significação mais larga, ainda na Jamaica. Obeach é a própria concepção mágica da vida, a entidade que trabalha na sombra e intervém em todos os atos da vida humana.

Os negros da Jamaica falam hoje em "working obeah" como os do Haiti se referem aos trabalhos vodu, os de Cuba e do Brasil, a "fazer ebó".

Obeach pede sacrifícios e ritos propiciatórios. Estas funções estão nas mãos do Obeach Man, idêntico ao Obiaman das Güianas. Êle é, ao mesmo tempo, o mago, e o homem-medicina. "Trabalhar obeah", é a sua função, quer dizer: fazer exorcismos, produzir boa sorte, afastar os maus espíritos, esconjurar por processos mágicos, etc. Miss Beckwith cita uma grande quantidade de ervas utilizadas por êsses "doutores de raíz", nas suas práticas mágicas.

A palavra obia ou obeah, sôbre cuja origem voltaremos a falar quando estudarmos os negros das Güianas, é encontrada a cada passo no folclore da Jamaica. E' a concepção mágica da vida impregnando completamente tôdas as peripécias da sua

vida social. Nos incidentes de cada dia, nos contos populares, nos provérbios... obeah intervém, com o seu poder.

Também a crença nos duppies (espíritos), já referida, ocorre no folclore da Jamaica, (Duppy sabe a quem faz mêdo em uma noite escura) são provérbios comuns entre os negros da ilha.

Espíritos dos rios e das florestas são ainda cultuados na Jamaica, como na Costa do Ouro. O "rio mãe" — rubba mama — que Beckwith descreveu tem a mesma significação que na África.

O sistema dos "nomes de dias", existente tanto na Jamaica como entre os negros do Surinan, vem dos povos da Costa do Ouro. Êstes nomes são dados de acôrdo com o dia da semana em que nasce um negro. Existe a crença de uma conexão estreita entre êstes nomes e as almas das pessoas que os trazem. O day-name, é conservado em segrêdo, nunca é pronunciado, a não ser nos estados de possessão ou quando o obiaman se dirige ao espírito da pessoa. Entre os negros do Surinan, Melville e Frances Herskovits registraram alguns exemplos dêsses day-names.

Na Jamaica, o day-name é dado de acôrdo com o sexo e o dia da semana em que nasceu a criança. Meninos nascidos no sábado chamam-se Quashie, e meninas nascidas no mesmo dia, Quashiba.

Ainda se encontram outros cultos funerários na Jamaica, com fortes elementos africanos (por exemplo, dos festivais Homowo dos Fantis) e europeus. Na terceira noite depois da morte, e, segundo alguns até a nona, existe a crença que o espírito do morto

volta a visitar a família, os amigos e as suas propriedades. Por isto, preparam-lhe uma grande festa, na terceira noite em alguns distritos, na nona noite em outros, para o morto e impedir que êle se aborreça com alguém ou com alguma coisa. Êste festival é chamado Bakinny ou Back inni, referindo-se o têrmo, segundo Beckwith ao fato de o espírito dever "voltar" ao túmulo.

A palavra Kromanti, que deriva do reinado de Coromantye da África Ocidental, exprime também na Jamaica uma linguagem secreta, em cuja letra os Maroons cantam canções "bastante fortes para enfeitiçar qualquer um", como diz Miss Beckwith.

Tratemos agora do culto dos negros da Güiana Holandesa, e sôbre o dito culto, eis o que diz Arthur Ramos na sua obra:

"As religiões e cultos dos negros da Güiana Holandesa são inteiramente africanos. Vamos encontrar, entre êles, Nyankompon ou Nyame, o Grande Deus dos Fanti-Ashanti.

Mas há muitos outros winti (deuses ou espíritos), também chamados entre alguns negros gado e vodu, êste último nome por influência dahomeyana.

Asase, a Mãe Terra; Osai Tando, antigo nome do rio sagrado Tano; Opete, o abutre; Tigri, também chamado Dyebi ou Dyadya; Obia-Kromanti; Nengerekandre Kromanti (Kromanti africano); Busi-Kromanti (Kromanti das selvas); Ondrowatra Kromanti (espíritos Kromanti que vivem debaixo dágua). São todos deuses dos Fanti-Ashanti, da Costa do Ouro, e, por extensão, serviu para designar

esta origem; é usada hoje pelos negros da Güiana Holandesa como sinônimo de deuses "africanos".

Vodus dahomeyanos também se encontram entre os Bush Negroes.

Deuses bantus existem também entre os winti güiano-holandeses.

Os winti Fanti-Ashanti e dahomeyanos acham-se também misturados de pequena influência yoruba, embora não tenha encontrado nos trabalhos dos pesquisadores, um tipo nome de divindade yoruba, como no Haiti.

Além dos winti, deuses, os negros da Güiana Holandesa cultuam a akra, alma; obia ou wissi, objetos mágicos; e as yorka, espíritos dos mortos.

O culto dos winti é muito aproximado do que existe na África Ocidental, ou Costa do Ouro e no Dahomey.

Uma pessoa pode adquirir um winti de três maneiras.

A aquisição por herança é a mais comum: um winti passa de homem a homem, de mulher a mulher, dentro de cada família, quando ocorre a morte de uma pessoa que possuía o winti. O segundo modo advém pela escolha da pessoa, pelo winti. O deus pode resolver deixar uma pessoa e baixar em outra, quando não está satisfeito com a primeira.

O terceiro modo de aquisição do winti é por wisi ou kunu.

Os dois primeiros processos são apanágios do culto aos deuses: as pessoas que possuem o winti são seus devotos e dedicam-se às práticas do culto. Mas o modo de possessão wisi ou kunu ocorre quando

há um crime a punir. O winti, neste caso, é um mau winti que traz ao seu possuidor doença, pobreza, desgraça e morte. Kunu, tanto entre os negros das selvas como da cidade, é a vingança dos deuses contra a violação de um código religioso ou moral.

E a punição kunu faz com que o winti se torne um inimigo da pessoa que o traz consigo. A iniciação no culto dos winti se observa desde a infância; um winti pode desde cedo apossar-se da criança, de maneira boa ou má.

E as aptidões para o culto se revelam logo no comportamento infantil, por uma habilidade especial para a dança, o canto ou a execução dos instrumentos rítmicos.

Dizem os negros das selvas güiano-holandesas que não há instrução especial para os iniciados do culto dos winti.

"Quando o winti entra no indivíduo, é o próprio espírito que canta as canções, fala as línguas, e dança as danças", dizem êles. Naturalmente a aprendizagem se faz pela herança cultural, pela observação dos mais velhos, que conservam a tradição do culto e a transmissão aos descendentes.

Os winti têm determinadas exigências, prescrições especiais, proibições, tabu, etc., como aliás se observam em todos os cultos afro-ocidentais. A abstinência de certos alimentos tem o nome de trefu. Cada winti exige a sua observância especial, por exemplo: o possuído de Papa-winti não come bananas; os deuses Kromanti proíbem fumar em sua presença (Kromanti no lobi smoku: "Kromanti não

gosta de fumar"); os adeptos da Aisa não comem peixe, etc.

De outro lado, os winti prescrevem as oferendas que lhes agradam: exigem que o arroz dos sacrifícios seja kriori (creolo) e não importado; pedem que os alimentos sejam preparados com obiofatu, óleo de palmeiras indígenas; os deuses Kromanti exigem tambores e bebidas doces e assim por diante. Como nos cultos yorubas do Brasil e de Cuba, os deuses dos negros güiano-holandeses têm a sua côr sagrada: os deuses da tempestade têm a côr branca; os deuses Kromanti, côr azul. Legba, côr preta, etc.

A possessão winti é um capítulo semelhante à possessão de outros cultos negro-americanos. As danças sagradas conduzem o iniciado até o ato da possessão. A pessoa que tem o winti é chamada asi do winti, literalmente "cavalo de santo". Veja-se até nisto a semelhança com as possessas dos candomblés brasileiros também chamadas "cavalo de santo".

As festas e as danças do culto dos winti obedecem ainda a ciclos: festejam-se em determinadas épocas do ano. Estas danças, perseguidas pelos poderes públicos, ocultaram-se nos recessos das selvas, e por isso as danças dos negros da cidade tendem a diferenciar-se cada vez mais das danças dos bush negroes. Herskovits descreve a indumentária dos dançarinos negros das Güianas. Basta assinalar aqui o uso que os negros fazem da pemba, o giz branco sagrado, para a pintura do rosto. Não pre-

ciso acrescentar que nas macumbas cariocas, o uso da pemba é indispensável nas cerimônias do culto.

A música e dança "chamam" os winti, e variam para cada caso especial: há danças do Tigri winti, de Opete winti, de Dagowe winti, dos Kromonti winti, etc."

E mais adiante diz:

"Depois do culto de akra, da alma, e de winti, os deuses, os negros do Surinan dedicam-se a práticas mágicas, que dividem em dois grupos gerais: obia, para as práticas benéficas; e wisi, para as maléficas. "Obia é bom", "Obia protege o homem contra as balas, fogo", etc., dizem os negros do Surinan.

A sorte de obia é dividida geralmente em dois tipos distintos: o tapu e o opo. Um tapu é a boa magia, um instrumento de defesa contra todos os males. Há tapu contra yorka (fantasmas), contra bakru (emissários dos feiticeiros), contra veneno, contra calúnias, contra a impotência e esterilidade, contra as moléstias da alma... O opo é um instrumento mágico que procura fins positivos. Enquanto o tapu é defensivo, o opo é ofensivo (no sentido bom). Há uns amuletos especiais, pedaços de papel escrito, com outros elementos, a que os negros do Surinan dão o nome genérico de Bakra opo. Êles são usados para se atingir a desígnios determinados.

Mas há muitos outros opo: opo para o amor (uma opo, opo fêmea e man opo, opo macho), opo para negócios, etc.

Daí para a medicina mágica é um passo. Os negros do Surinan não acreditam no poder curativo de ervas e substâncias medicamentosas por si sós.

Elas curam por intermédio do obia. E' o poder de obia que é manejado pelo obiaman. Êste reparte quase sempre as suas funções com o lukuman e o wintiman. O lukuman, "aquêle que olha", é o adivinho, o vidente, também chamado Djuka e Bonu. Os negros distinguem entre o lukuman, o que cura as almas por meio de adivinhas, o wintiman, que consegue os seus fins por intermédio dos deuses winti, e o obiaman, que cura e faz outros processos mágicos manipulando os obia.

Há moléstias winti, e curas winti, da alçada dos wintiman. No caso de uma moléstia winti, isto é, causada por algum "santo", é preciso *seti winti*, isto é, pacificar o winti. E isto exige um ritual que é apanágio do wintiman. Há banhos sagrados, para se conseguirem as curas winti, à semelhança dos banhos de fôlhas dos curandeiros brasileiros. Existe tôda uma coleção destas ervas sagradas: sangrafu, manu-sneki wiwiri, uma-sneki wiwiri, sibi-wiwiri, etc. Ao banho, seguem-se as danças winti e outros elementos do ritual, que completam a cura.

As práticas maléficas de magia negra são chamadas, entre os negros da Güiana Holandesa, wisi. "Wisi wroko nanga yorka" (Wisi trabalha por meio de fantasma), dizem êles. O wisiman é aquêle que chama as almas dos mortos, para aprisioná-las. As práticas wisi são verdadeiras manipulações de almas, e principalmente de yorka, espíritos maléficos. Um espírito aprisionado torna-se um escravo do wisiman e passa a trabalhar para êste. Herskovits compara esta concepção dos negros do Surinan com a do zombie haitiano. O espírito trabalhado pelo

wisiman torna-se bakru e é então utilizado para se conseguir qualquer coisa. "O bakru é uma caricatura animada meio-viva, meio-morta, que assegura o prestígio de que desfruta o wisiman entre os negros do Surinan.

O wisiman é perseguido pelas autoridades, temido pelos próprios negros da selva, mas a sua história é a mesma de todos os feiticeiros maléficos primitivos, cujo poder vem do mêdo e do mistério que envolve as suas práticas.

Contra a influência maléfica do wisi os negros procuram a proteção do lukuman ou do obiaman a fim de "puru wisi" (remover o wisi). As práticas contra-wisi são verdadeiros exorcismos, tendentes a depurar o indivíduo das influências do wisi ou a expulsar os maus espíritos, yorka.

A concepção de yorka é muito difundida entre os negros do Surinan. Yorka dos índios Caribás, quer dizer alma, espírito. Yorka tem dois significados entre os negros da Güiana. Pode ser um antepassado, um espírito familiar, e pode ser o yorka pròpriamente dito, espírito mau temido dos negros.

No primeiro caso, yorka ajuda os membros da família a que pertence, na qualidade de espírito ancestral, aconselhando-os em sonhos ou por qualquer outra maneira. Geralmente, o yorka familiar é um bom espírito, mas pode tornar-se mau, trazendo então consigo a doença, a infelicidade e a morte. O yorka familiar exige o culto como os winti: come arroz sem sal nem pimenta e consagram-lhe danças e ritos especiais.

Outras crenças ainda existem entre os negros das Güianas, como o culto dos gêmeos hohobi ou dosu, considerados sagrados; a concepção do vampiro, azeman de origem yoruba, que às noites se transforma em animal e vai chupar o sangue das pessoas; a crença do fiofio, nome de um inseto e também de um espírito que, tomando a forma do inseto, penetra no corpo humano causando-lhe doença e morte..."

Nas linhas acima tem o leitor alguma coisa sôbre o culto Kromanti praticado na Jamaica e na Güiana Holandesa, segundo Arthur Ramos na sua importante obra "As Culturas Negras no Novo Mundo".

Nota: — A concepção de "yorka" (espíritos dos mortos) tem muita semelhança com a doutrina ou concepção kardecista dos espíritos dos desincarnados.

Quanto à concepção dos espíritos "bakru", pode-se dizer, que corresponde aos chamados espíritos elementais dos ocultistas.

Também temos a dizer, que "Obia", corresponde ao grande agente mágico, ao fluido Universal, à Luz astral dos ocultistas, etc.

Quanto aos cultos africanos na América do Norte, só temos a dizer que, a não ser alguns elementos isolados em alguns Estados (como nas ilhas Gulla), as religiões negras perderam as suas características primitivas. Não se conservam lá, como nas outras partes do Novo Mundo, nas Antilhas, nas Güianas, no Brasil, formas homogêneas de práticas religiosas e mágicas de padrões africanos.

CAPÍTULO XI

AS FÔRÇAS SUBTIS DA NATUREZA

Os antigos ligavam importância, principalmente os que trabalhavam com as fôrças da Natureza, à influência dos sete astros, pois quando era possível, alguns magistas aliavam as fôrças naturais dos sete astros com as fôrças espirituais das sete legiões.

Segundo a opinião de um grande ocultista, é o bastante o magista se guiar pelas influências do Sol e da Lua, "ser o suficiente", para se sair bem em todos os trabalhos de magia. E nisto, nós estamos de acôrdo.

Note-se que, o que vamos dar é para os que trabalham sòmente com as fôrças da Natureza; ou para os que querem aliar as fôrças da Natureza com as fôrças Espirituais. Portanto, damos a seguir as influências do Sol e da Lua nos 12 Signos Zodiacais, e a sua correspondência e utilização nos trabalhos de magia.

O Sol nos Signos favorece o seguinte:

No Carneiro: — Favorece os trabalhos mágicos masculinos, e a ação dos espíritos e falanges de Ogun.

No Touro: — Favorece os trabalhos mágicos femininos, e a ação dos espíritos e falanges de Oxun.

Nos Gêmeos: — Favorece os trabalhos masculinos, e a ação dos espíritos e falanges de Oxosse.

No Caranguejo: — Favorece os trabalhos femininos, e a ação dos espíritos ou falanges de Iemanjá.

No Leão: — Os trabalhos masculinos, e a ação dos espíritos ou falanges de Oxun.

Na Virgem: — Os trabalhos femininos, e a ação dos espíritos e falanges de Oxosse.

Na Balança: — Os trabalhos masculinos e a ação dos espíritos e falanges de Oxun.

No Escorpião: — Os trabalhos femininos, e a ação dos espíritos e falanges de Ogun.

No Sagitário: — Os trabalhos masculinos e a ação dos espíritos e falanges de Xangô.

No Capricórnio: — Os trabalhos femininos, e a ação dos espíritos e falanges de Omolu.

No Aquário: — Os trabalhos masculinos, e a ação dos espíritos e falanges de Omolu.

Nos Peixes: — Os trabalhos femininos, e a ação dos espíritos e falanges de Xangô.

A influência da Lua nos 12 Signos é a seguinte:

A Lua no Carneiro: — Favorece o tratamento das doenças da cabeça; os trabalhos mágicos masculinos; a ação dos espíritos e falanges de Ogun; e tôdas as coisas, atos, regócios, trabalhos, assuntos, etc., que Ogun rege, governa e preside.

No Touro: — Favorece o tratamento das doenças da garganta; os trabalhos mágicos femininos; a

ação dos espíritos e falanges de Oxun; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Oxun rege, governa e preside.

Nos Gêmeos: — Favorece o tratamento das doenças dos braços e mãos; os trabalhos mágicos masculinos; a ação dos espíritos e falanges de Oxosse; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Oxosse rege, governa e preside.

No Caranguejo: — Favorece o tratamento das doenças do peito e estômago; os trabalhos mágicos femininos; a ação dos espíritos e falanges de Iêmanjá; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Iêmanjá rege, governa e preside.

No Leão: — Favorece o tratamento das doenças do coração; os trabalhos mágicos masculinos; a ação dos espíritos e falanges de Oxalá; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Oxalá rege, governa e preside.

Na Virgem: — Favorece o tratamento das doenças dos intestinos; os trabalhos mágicos femininos; a ação dos espíritos e falanges de Oxosse; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Oxosse rege, governa e preside.

Na Balança: — Favorece o tratamento das doenças dos rins; os trabalhos mágicos masculinos; a ação dos espíritos e falanges de Oxun; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Oxun rege, governa e preside.

No Escorpião: — Favorece o tratamento das doenças dos órgãos genitais; os trabalhos mágicos femininos; a ação dos espíritos e falanges de Ogun;

e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Ogun rege, governa e preside.

No Sagitário: — Favorece o tratamento das doenças das coxas, os trabalhos mágicos masculinos; a ação dos espíritos e falanges de Xangô; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Xangô rege, governa e preside.

No Capricórnio: — Favorece o tratamento das doenças dos joelhos; os trabalhos mágicos femininos; a ação dos espíritos e falanges de Omolu; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Omolu rege, governa e preside.

No Aquário: — Favorece o tratamento das doenças dos tornozelos; os trabalhos mágicos masculinos; a ação dos espíritos e falanges de Omolu; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Omolu rege, governa e preside.

Nos Peixes: — Favorece o tratamento das doenças dos pés; os trabalhos mágicos femininos; a ação dos espíritos, e falanges de Xangô; e tôdas as coisas, atos, negócios, assuntos, etc., que Xangô rege, governa e preside.

A influência da Lua nos quatro trignos é a seguinte:

Para a magia em geral: A Lua nos Signos Touro, Virgem, Capricórnio.

Para o amor, as graças: A Lua nos Signos Gêmeos, Balança, Aquário.

Para as coisas extraordinárias: Lua nos signos Caranguejo, Escorpião, Peixes.

Para a vitória e glória: A Lua nos signos Carneiro, Leão, Sagitário.

A Lua no Ascendente e num Signo masculino favorece os trabalhos diurnos e masculinos.

A Lua no Ascendente e num Signo feminino, favorece os trabalhos mágicos noturnos e femininos.

A Lua crescente: — Favorece os trabalhos mágicos femininos, como seja atração, indução, encanto, sedução, recepção, meditação, mediunidade, passividade, etc. No crescente devemos operar passivamente. Também favorece as ações mágicas para crescer, progredir e aumentar, etc.

No minguante: Favorece os trabalhos mágicos masculinos, as operações ativas do homem, como sejam ordens, sugestões, domínio, a ação a distância, etc. No minguante devemos operar ativamente. Também favorece as ações mágicas para diminuir, minguar, enfraquecer, anular, etc.

Quando a Lua está em conjunção com o Sol, favorece as ações mágicas para uniões sociais, comerciais, amorosas, casamentos, etc.

A Lua em quadratura com o Sol, favorece o corte de relações sociais, de amizades, de amôres, e o corte das fôrças dos inimigos, etc.

A Lua em oposição com o Sol, favorece as oposições, os contras, os obstáculos, as separações, as inimizades, os contrários, etc.

Quando a Lua se aproxima do Sol, isto é, antes da Lua nova, favorece as aproximações sociais e amorosas, etc.

Qundo a Lua se afasta do Sol, isto é, depois da Lua nova, favorece tudo o que fôr afastamento: sociais, comerciais, amorosos, de amigos e de inimigos, das coisas boas e das más, etc.

O Sol representa a fôrça masculina; a Lua, a fôrça feminina.

O Sol corresponde ao homem, ao Pai; a Lua, à mulher, à Mãe.

O Sol é o dador; a Lua é o distribuidor.

Nada passa do céu para a terra, e nem da terra para o céu, sem passar pelos domínios e esfera da Lua.

A filosofia de alguns antigos mestres, diz o seguinte:

Quando na terra se unem o homem com a mulher no ato carnal amoroso, no céu se unem o Sol com a Lua, e o espírito desce para animar o corpo que vai ser gerado, para no fim de nove meses dêle tomar posse. (Magia sexual).

Os antigos magistas que trabalhavam com os espíritos dos elementos, Fogo, Terra, Ar, Água, chamados espíritos elementais, também faziam as suas ofertas e davam os seus presentes aos ditos espíritos elementais, como ainda atualmente fazem os filhos de Umbanda nas encruzilhadas, na mata, no mar, nos cemitérios, etc.

Eis uma lista dos respectivos presentes e ofertas que os antigos magistas davam aos espíritos elementais:

Às Salamandras, (Fogo): — Cordeiros, Pombos, Faisões, Perdizes, Jaspe, Rubis, Esmeraldas e coisas de ferro e cobre, etc.

Gnomos, (Terra): — Cabritos, Ratos, Tartarugas, Corujas, Morcegos, Gatos pretos, Galos pretos, Sangue, Aguardente, Fumo, Coisas de Chumbo.

Silfos, (Ar): — Ouro, Cristal, Heliotrópio, Topázio, Berilo, Ovelha, Galos brancos, Pavão, Éter, Bebidas alcoólicas, Mel de abelhas, etc.

Ondinas, (Água): — Prata, Pérolas, Safiras, Jóias, Águas-marinhas, Patos, Gansos, Cisnes, Rãs verdes, Perfumes, Rosas, Pentes, Fantasias, Sabonetes, Enfeites femininos.

Pelo o que acima foi exposto, podemos concluir, que até nisto, a Umbanda está em afinidade com o antigo Ocultismo.

E para completar damos a seguir uma das diversas evocações que os antigos faziam quando trabalhavam com as potências, espíritos ou falanges da esfera ou legião da Lua:

Em uma noite de segunda-feira, na hora de Gabriel, depois de estar preparado com as côres, perfumes, rituais e ofertas correspondentes, dizer a evocação seguinte:

Eu te saúdo e evoco, Ó infernal, terrestre e celeste Hecate, rainha das grandes estradas, das encruzilhadas e dos encantos.

Tu, portadora de luz, que marchas durante a noite, inimiga da própria luz, tu amiga e companheira da noite, que te comprazes do ladrar dos cães e do sangue derramado, que passeias entre as sombras e sepulturas, que desejas o sangue e trazes o alento aos mortais.

Alma da Lua, teu olhar protege as crianças, tua respiração nos dá crescimento; tua aspiração, perecimento; o odor de teu hálito atrai através das

correntes áuricas o espírito dos mortos que amamos; a tua influência dá imaginação aos poetas e o amor mulheres.

Ó Gorgo; Ó Morme; Ó Hecate de formas e encantos mil, vem assistir com olhar propício à minha operação.

Espelho que reflete sôbre as nossas frontes os raios vindos de todos os planos do abismo, escolhe com amor, eu te peço, Ó Hecate, aquêles que hás de projetar sôbre meus flancos para que me sejam favoráveis e propícios.

Gabriel, anjo chefe da legião espiritual da Lua, eu vos evoco, a vós e a vossos companheiros, em nome do grande Deus Vivo Todo Poderoso, para que venhais em meu auxílio, façais a minha vontade e realizeis os meus desejos.

A Rainha dos encantos,
Leva a noite a passear;
Oh como é belo o clarão da Lua,
Como é lindo o luar.

Em seguida, depois de entregar as ofertas e fazer o pedido aos espíritos, faziam duas respirações lentas e profundas pela narina esquerda; e olhando o reflexo da Lua no espelho emergido em água, afirmavam oito vêzes, com convicção e voz positiva, o que queriam conseguir e desejavam realizar.

E terminavam com uma oração de agradecimento e de despedida dos espíritos, dizendo: estou confiante.

FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS

Algumas pessoas católicas têm notado ser mais favorecidas e atendidas nos seus pedidos feitos a alguns Santos do que a outros. Também alguns umbandistas têm verificado ser mais favorecidos e atendidos pelos espíritos pertencentes a uma linha do que os pertencentes a outra, isto quer dizer que até mesmo espiritualmente temos os favoráveis e desfavoráveis, os semelhantes e opostos.

Por exemplo: Um filho de Ogun ou Xangô, em que predomina o elemento Fogo, não poderá ser muito favorecido pelos espíritos pertencentes à linha de Iêmanjá, onde predomina o elemento Água; também o filho de Oxosse não poderá ser favorecido pelos elementos da linha de Omolu, etc.

Pelo o que acima dissemos podemos concluir que é de grande importância para a pessoa, principalmente para os filhos de Umbanda, saber os elementos favoráveis e desfavoráveis ou opostos à sua linha. E, para ser útil aos estudiosos, organizamos o seguinte:

Os Elementos Opostos

Fogo-oposto-Água. Ar-oposto-Terra.

Linhas correspondentes aos quatro elementos:

Linha em que predomina o elemento Fogo: Oxalá, Xangô, Ogun.

Linha em que predomina o elemento Água: Iemanjá, Oxun.

Linha em que predomina o elemento Ar: Oxosse.

Linha em que predomina o elemento Terra: Omolu.

Os umbandistas, além dos elementos da sua própria linha, também são favorecidos pelos elementos de outras linhas correspondentes ou simpáticas; por exemplo: Um filho de Xangô, cujo elemento é Fogo, tem como linhas favoráveis Oxalá e Ogun, também correspondentes ao dito elemento Fogo; e também como linha simpática e favorável Oxosse, correspondente ao elemento Ar, pois o ar ativa o fogo.

Os filhos de Iêmanjá têm como favorável Oxun e também Oxosse.

Os filhos de Omolu têm como favorável Exu.

Os filhos de Oxosse cujo elemento é o Ar, são favorecidos pelos elementos de tôdas linhas, menos pelos de Omolu.

Nota: — Chamamos a atenção que os dados acima se referem aos espíritos elementais ou fôrças vivas da Natureza correspondentes às sete linhas.

Também temos a dizer que além das classes de espíritos citados nesta obra e no livro "A Umbanda e seus Complexos", também se pode trabalhar com os espíritos dos incarnados, isto é, com os espíritos das pessoas vivas. Pois há alguns médiuns e magistas que evocam e trabalham com os espíritos dos vivos, tanto para o bem como para o mal.

Exemplo: — Evocar o espírito de um médico para curar um doente. Evocar o espírito de um negociante ou homem de bem para resolver um negócio ou beneficiar uma pessoa. Evocar o espírito de um bandido para prejudicar ou fazer mal aos outros, etc.

E, em certos casos, um trabalho feito com os espíritos dos vivos dá melhor resultado do que feito com os espíritos dos mortos.

CAPÍTULO XII

O FLUXO MENSAL RENOVADOR

No Apocalipse, Capítulo 3, versículo 20, diz o seguinte:

Eis aí, estou eu à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e me abrir a porta, entrarei eu em sua casa, e cearei com êle e êle comigo.

O capítulo 22, versículo 2 diz: No meio da sua praça, e de uma e de outra parte do rio, está a árvore da vida que dá doze frutos, produzindo em cada mês seu fruto, e as fôlhas da árvore servem para a saúde das gentes.

Lembramos que o círculo Zodiacal é dividido em doze casas, e que cada pessoa, segundo a Astrologia, tem o seu signo Ascendente, e portanto, cada pessoa tem a sua casa Zodiacal.

E que mensalmente o fluxo Cósmico bate na casa Zodiacal do indivíduo, e na qual permanece dois dias e meio, (isto é, aproximadamente), e quando esta energia ocupa a nossa casa, nós estamos na máxima plenitude e poder. E' a ocasião propícia para colhermos os frutos da árvore da vida, isto é, para fazermos trabalhos mágicos correspondentes

ao dito mês, como também de iniciar, fazer, realizar os negócios, projetos, atos e assuntos mais importantes de nossa vida.

Portanto, é de grande importância para nós o saber em que dias no mês êste grande fluxo de energia passa pela nossa casa, pois, isto conhecido, abriremos a êle a porta do nosso ser para que entre no nosso corpo e o fortifique e nos dê vida, vigor, saúde, paz e prosperidade.

Tanto a mulher como o homem recebem mensalmente, nesse período, um maior influxo de energia criadora. Os homens que habitualmente gastam suas fôrças vitais em extravagâncias, percebem o influxo da vida divina nestas ocasiões, pelo aumento perceptível de sua paixão sexual, pois a vida divina flui para todos os órgãos e faculdades do homem, e aquêles que necessitam de maior quantidade, recebem-na.

Os homens que dominam sua natureza sexual sentem um aumento geral das fôrças vitais, que lhes afeta o organismo todo, dando-lhes paz, saúde e vigor, que pessoas comuns são incapazes de imaginar.

Quando é paralisado o desperdício de energia nos excessos sexuais, a vitalidade começa a acumular-se no homem e êle se torna uma bateria poderosa, que alimenta os seus órgãos; ao passo que havendo desperdício de energia, os ditos órgãos e faculdades se enlanguecem por falta de fôrças.

O corpo humano é sagrado, pois é o templo de Deus e nêle habita o Espírito Supremo. A vida divina que flui através de nós pode fazer-nos suma-

mente felizes, se a empregarmos na verdadeira direção.

Êste influxo periódico de energia divina, se esta for conservada, ou empregada em boas obras, elevará tôda a tonalidade e qualidade do ser físico, moral, mental e espiritual do homem e da mulher. Vivificará e dinamizará o vestuário da alma ou corpo interno, elevando esta ao seu verdadeiro plano.

Se esta vida não fôr empregada para o mal nem fôr gasta inùtilmente, regenerará e fortalecerá no organismo interno do indivíduo a parte que há de viver após a morte.

Esta é a vida e imortalidade da alma; é a realização da grande obra do iniciado; é a transmutação do filho da terra em filho adotivo de Deus; ou é a transmutação do corpo animal em corpo espiritual, como diz São Paulo nas suas epístolas.

Como já foi dito, é de grande importância para nós saber os períodos mensais em que a corrente da grande energia bate na nossa porta e passa pela nossa casa, pois, nestes períodos as nossas naturezas estão sintonizadas diretamente com o grande Oceano de Vida. Podemos então fazer, realizar muita coisa durante êstes períodos, o que não conseguiremos fazer em outras ocasiões.

Para sabermos a nossa casa Zodiacal, temos que saber o nosso signo Ascendente, portanto, qualquer astrólogo o pode dizer.

Também não nos negaremos a fornecer qualquer orientação sôbre êste assunto às pessoas que o desejarem, para que saibam utilizar-se dêstes períodos a bem da sua saúde, paz e prosperidade.

Exemplo: — um homem cuja a casa Zodiacal é o signo Touro terá os seguintes períodos mensais em que a grande energia bate e passa por sua casa durante o ano de 1949:

Janeiro — Das 11 h. 13 m. do dia 8 até às 20 h. 29 m. do dia 10.

Fevereiro — Das 19 h. 8 m. do dia 4 até às 5 h. 5 m. do dia 7.

Março — Das 1 h. 37 m. do dia 4 até às 13 h. do dia 6; e também, das 7 h. 18 m. do dia 31 até 19 h. 1 m. do dia 2 de Abril.

Abril — Das 13 h. 39 m. do dia 27 à 0 h. 48 m. do dia 30.

Maio — Das 20 h. 5 m. do dia 24 até 7 h. 29 m. do dia 27.

Junho — Das 4 h. 24 m. do dia 21 até às 16 h. 21 m. do dia 23.

Julho — Das 12 h. 34 m. do dia 18 até às 23 h. 59 m. do dia 20.

Agôsto — Das 19 h. 37 m. do dia 14 até às 8 h. 25 m. do dia 17.

Setembro — Das 5 h. 15 m. do dia 11 até às 15 h. 43 m. do dia 13.

Outubro — Das 15 h. 37 m. do dia 4 até às 3 h. 54 m. do dia 7.

Novembro — Das 15 h. 37 m. do dia 4 até às 3 h. 45 m. do dia 7.

Dezembro — Das 22 h. 21 m. do dia 1 até às 10 h. 25 m. do dia 4; e também, das 5 h. 57 m. do dia 29 até às 23 h. 55 m. do dia 31 do dito mês.

Devemos também ter em conta o Ritmo anual, isto é, a primavera, verão, outono, inverno; pois, com

o começo da primavera começa a atividade na grande Natureza, atinge o máximo no verão, vem depois o declínio no outono, e o descanso e inatividade no inverno. E' esta a grande lei do ritmo, que rege a grande Natureza e que rege também as nossas pequenas naturezas.

Portanto, o homem cuja casa Zodiacal é o Touro, tem as suas fôrças em atividade desde 20 de Abril até 22 de Outubro; tem o declínio das suas fôrças de 23 de Outubro a 19 de Janeiro; e tem o descanso e inatividade das mesmas de 20 de Janeiro até 19 de Abril.

Pois, assim como no inverno em que a Natureza está em descanso e portanto em inatividade, e o lavrador não pode semear porque a terra não produz, assim, também, quando as nossas naturezas estão em descanso e inatividade não devemos iniciar ou empreender negócios, atos, obras e assuntos de importância, pois teremos muito poucas possibilidades de alcançar e colhêr os frutos desejados, como não colherá o fruto das sementes o lavrador imprudente que semear no inverno.

Poderão me dizer que Deus, o grande Obreiro, obra sempre. Responderei: que também o nosso planêta terra gira sempre; e no entanto, temos épocas próprias para semear e outras próprias para colhêr.

Os períodos mensais e o ritmo anual são de grande importância para tôdas as pessoas, principalmente para os iniciados. O magista, o magnetizador e o médium espírita têm necessidade de os conhecer e saber para que possam sair-se bem em todos os seus trabalhos e operações mágicas; por-

que nos períodos mensais em que as nossas naturezas estão sintonizadas diretamente com o grande Oceano de energia e Vida, podemos nos fortificar e tonificar, adquirir saúde, vigor, fôrça, poder, e fazer trabalhos e operações mágicas de grande importância, em nosso benefício como também em benefício dos outros.

E no ritmo anual, nos meses em que as nossas fôrças estão em atividade é que devemos trabalhar e operar, ativando e realizando os nossos empreendimentos, negócios, pretenções e ideais, pois somos favorecidos pela natureza e temos tôda a possibilidade de êxito, sucesso, vitória.

Porém, nos meses em que a nossa natureza está em inatividade e descanso, nós devemos descansar, não fazendo trabalhos e operações mágicas, nem passes magnéticos devemos dar, porque a nossa natureza estando em descanso, as nossas fôrças estão inativas; portanto, se fizermos trabalhos, operações mágicas e dermos passes neste estado, o resultado será nulo, e até prejudicial à saúde do médium, magista ou magnetizador.

A única coisa que o médium, magista ou magnetizador deve fazer quando as suas naturezas estão em descanso é a prece ao Divino Criador, para que o descanso seja reparador e renovador, a fim de que quando o dito descanso terminar poderem entrar novamente em atividade com mais saúde, vigor, fôrça e Poder.

NOTA FINAL

Escrevemos esta obra tendo por fim contribuir para a grandeza da Umbanda, ser útil aos estudiosos, e também beneficiar os semelhantes.

Alcançaremos o nosso objetivo?

1.º — Julgamos que as pessoas que lerem êste livro farão melhor juízo da Umbanda.

2.º — Os estudiosos encontrarão nas suas páginas assuntos e conhecimentos de grande importância para os seus estudos.

3.º — Os espiritualistas sinceros, verdadeiros, que têm a sua fé baseada no conhecimento e na razão, encontrarão conhecimentos que ainda mais fortificarão a sua fé e convicção.

4.º — Os partidários da fé cega, fanática, com preconceitos, ou fé falsa, interesseira ou indolente, encontrarão nas páginas dêste livro muita coisa contrariando as suas crenças e preconceitos; e êsses, para poderem contradizer o que foi escrito, terão de procurar bases e estudar os assuntos, isto é, terão que combater a sua fé falsa, cuja causa é o comodismo, a indolência, a preguiça, "o não querer fazer fôrça".

Também há muitos que a causa das suas crenças e preconceitos é um complexo de mêdo, interêsse, vaidade, isto é, mêdo de ficar na miséria ou ir para o inferno, interêsse de ficar rico ou ir para o inferno, interêsse de ficar rico ou ir para o céu, vaidade de glória ou de ser santo.

Nada se consegue sem esfôrço e sacrifício, afirma a filosofia e a ciência Esotérica.

Portanto, os da fé falsa e fanática, e das crenças interesseiras, êsses, nós temos esperança que êste livro lhes fará um grande benefício; quando mais não seja, fará com que êles, para poderem contradizer o que escrevemos, sejam obrigados a estudar e a se esforçar, isto é, terão que fazer fôrça; e assim se corrigirão do pecado da indolência e preguiça, como também do mêdo e vaidade, ou seja, do complexo de inferioridade.

Êste livro está escrito em dois sentidos: um esotérico e outro exotérico, isto é, uma parte oculta e outra revelada.

Portanto, esperamos que o leitor estudioso saiba ler entre linhas e que compreenda bem o sentido esotérico do que está escrito nas páginas dêste livro.

Neste livro falamos muito, mas ainda muito mais teríamos a dizer, se não fôsse a maioria das pessoas não estarem preparadas mental e espiritualmente para receber os conhecimentos dos segredos esotéricos.

Não negaremos uma orientação para a felicidade de qualquer pessoa, nem tampouco de dar os conhecimentos esotéricos a todos os que estiverem preparados e em condições de os receber.

E, finalizando, dizemos: A Umbanda é a ciência dos paralelos.

Rio, 29 de Maio de 1950.

OLIVEIRA MAGNO.

Nota: — Tôda a correspondência para o autor deve ser dirigida a Caixa Postal 140 — Lapa — Rio de Janeiro. Porém, fazemos ciente que não responderemos as cartas que não merecerem confiança.

ÍNDICE

R$ 10.00

—:-:—

Composto e impresso na
GRÁFICA EDITÔRA AURORA, LTDA.
Rua vinte de Abril, 16
RIO DE JANEIRO.

—:-:—

A HISTÓRIA ANEDÓTICA

Souza Queiroz

Um livro de anedotas mas não um dêsses volumes de anedotas vulgares.

Focaliza os lampejos de humor ou de ironia inteligente de personagens célebres, desde a Grécia antiga até os nossos dias. Assim, nêle desfilam monarcas, generais, estadistas, filósofos, artistas, etc., nos momentos de bom humor ou de felizes rasgos de inteligente observação sôbre os homens e as coisas, instantes êsses que fixam, por assim dizer, o perfil moral e humano de tais personagens.

A História anedótica é, pois, um livro diferente dos outros do seu gênero.